

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

ANA PAULA DE OLIVEIRA SILVA

**O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO A PARTIR DA PERSONAGEM
FLORA: UM ESTUDO SOBRE *ESAÚ E JACÓ*, DE MACHADO DE ASSIS**

PATU/RN
2019

ANA PAULA DE OLIVEIRA SILVA

**O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO A PARTIR DA PERSONAGEM
FLORA: UM ESTUDO SOBRE *ESAÚ E JACÓ*, DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S586c Silva, Ana Paula de Oliveira
O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO A PARTIR DA
PERSONAGEM FLORA: UM ESTUDO SOBRE ESAÚ E
JACÓ, DE MACHADO DE ASSIS. / Ana Paula de Oliveira
Silva. - Patu/RN, 2019.

55p.

Orientador(a): Profa. M^a. Annie Tarsis Morais
Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Flora.. 2. Monarquia e República. 3. Pedro e Paulo.
4. Política brasileira. 5. Machado de Assis. I. Figueiredo,
Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte. III. Título.

ANA PAULA DE OLIVEIRA SILVA

**O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO A PARTIR DA PERSONAGEM
FLORA: UM ESTUDO SOBRE *ESAU E JACÓ*, DE MACHADO DE ASSIS**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo – UERN
(Orientadora)

Prof.^a Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto – UERN
(Examinadora)

Prof.^a Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira – UERN
(Examinadora)

A Deus, à mãe Lúcia (*in memoriam*), a papai Nonato e à Noemia.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, por me conceder forças necessárias para que eu não desistisse durante este percurso de pouco mais de quatro anos.

Aos meus pais: Lúcia (*in memoriam*) e Nonato, pelo incentivo em concluir uma graduação, pois entre os netos da minha Vovó Zulmira (*in memoriam*) sou a primeira mulher a conseguir uma graduação.

Apesar da perda da minha mãe aqui na terra, eu ganhei três mães: Tia Rita, Tia Maria e a minha madrastra Luzivaneide, nos momentos de precisão elas estavam comigo do início ao fim. Ao meu irmão Neto e minhas irmãs/primas Anicleide, Katiane e Rozeane, por todo apoio nessa caminhada.

Ao meu amor, Jonas, por nunca ter desistido de mim e sempre me apoiando para que eu conseguisse vencer os obstáculos da vida, e também estando nessa empreitada de acreditar que a educação é fundamental para o desenvolvimento do “eu” e do país.

Aos meus amigos e colegas por estarem comigo me ajudando na luta contra a “ansiedade”, pois vocês foram fundamentais para a minha recuperação. Eu poderia aqui citar um por um, mas resolvo deixar um carinho enorme a todos. Em especial quero falar do meu grupinho sempre unido: Daniel e Noemia, por estarem comigo em todos os desafios da vida acadêmica e pessoal.

A todos os meus amigos e colegas que sempre estiveram me dando forças necessárias para continuar seguindo essa jornada, em especial Nathan, Deyse, Walisson e Carol que mostraram apoio em todos os meus momentos de crise.

A minha orientadora Annie Figueiredo por ter aceitado o grande desafio de estar comigo nessa empreitada. Quero te dizer que és muito especial para mim, eu te agradeço por todos os “puxões de orelha”, pelo carinho e atenção comigo. Agradeço também a professora Lailsa, por em muitos momentos ter acreditado em mim, as vezes dialogando comigo e mandando eu ter a famosa e necessária “calma” e a professora Karoliny por ter aceitado o convite para participar da banca e pela leitura atenta no meu trabalho.

Por fim, quero expressar minha eterna gratidão aos programas de bolsa estudantil, especialmente destaco o Pibid e o Resped.

A todos, meu muito OBRIGADA!

Não se luta contra o destino; o melhor é deixar que nos pegue pelos cabelos e nos arraste até onde queira alçar-nos ou despenhar-nos.

Machado de Assis

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
CAPÍTULO I – “COISAS FUTURAS”: UMA VISÃO MACHADIANA SOBRE A TRANSIÇÃO DA MONARQUIA PARA A REPÚBLICA NO BRASIL	14
1.1 <i>Esau e Jacó</i> e a interface literatura e política	14
1.2 “Mas o céu negou-lhes essa consolação dinástica”: Flora e a representação da mulher burguesa brasileira do século XIX	26
CAPÍTULO II – AS INCERTEZAS DO POVO BRASILEIRO SOB A ÓTICA DA PERSONAGEM FLORA.....	34
2.1 A tabuleta não tão nova do governo: o medo da transitoriedade	34
2.2 Flora e o povo brasileiro	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54

RESUMO

O século XIX foi um período bastante turbulento para a população brasileira devido às mudanças nos setores sociais, econômicos e, principalmente políticos como podemos evidenciar: a ascensão do capitalismo, os movimentos abolicionistas que lutavam pelo fim da escravidão e a complexa transição do sistema político que deixava o povo receoso acerca do futuro do país. Diante disso, desenvolvemos uma pesquisa que tem como principal foco o estudo da personagem Flora no romance *Esaú e Jacó*, publicado no ano de 1904. Essa é a penúltima obra de Machado de Assis, considerado por muitos como um dos maiores escritores da Literatura Brasileira. Neste livro, destacam-se os costumes da sociedade brasileira em um momento de complexidade, por causa da transitoriedade política entre Monarquia e República. O objetivo desta pesquisa é analisar a reação da população sobre essa transição através da personagem Flora a partir de sua indecisão amorosa e das suas relações com os gêmeos Pedro e Paulo. Para tanto, discutiu-se acerca das ações dos irmãos, o papel da mulher no século XIX e como estava a sociedade nesse embate de mudança de regime. Para esta pesquisa tivemos como base autores como: Hardman (2012), Santos (2015), Candido (1977, 2007), Gledson (2003), entre outros. O trabalho foi realizado através do estudo crítico-interpretativo para focar na representatividade política de Flora dentro do romance. Diante disso, conseguimos constatar que a personagem Flora é, de maneira atemporal, a principal representação da nação brasileira no romance machadiano selecionado.

Palavras-chave: Flora. Monarquia e República. Pedro e Paulo. Política brasileira. Machado de Assis.

ABSTRACT

The nineteenth century was a very turbulent period for Brazilian population, because of changes in the social sectors, economic and especially political, as we can evidence: the rise of capitalism, the abolitionist movements who fought to end of slavery and the complex political transition that made people afraid about the country's future. Given this, we developed a research whose main focuses on the study of the character Flora in the romance *Esaú e Jacó*, published in the year 1904. This is the penultimate work by Machado de Assis, considered as one of the greatest writings of Brazilian Literature. In this book, the customs of Brazilian society are highlighted at a time of complexity, because of the political transience between Monarchy and Republic. The research aims to analyze population reaction about this transition through the character Flora from her loving indecision and attitudes toward the twins Pedro and Paulo. Therefore, we discussed about the actions of the brothers, the role of women in the nineteenth century and how was society in this clash of regime change. For this research we had as authors: Hardman (2012), Santos (2015), Candido (1977, 2007), Gledson (2003), among others. The work was done through critical-interpretative study to focus on Flora's political representation within the romance. Given this, we can see that the character Flora is, in a timeless manner, the main representation of the Brazilian nation in the selected Machado's novel.

Keywords: Flora. Monarchy and Republic. Pedro and Paulo. Brazilian Politics. Machado de Assis.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Joaquim Maria Machado de Assis, mais conhecido como Machado de Assis, nascido em 21 de junho de 1839, era cronista, romancista, dramaturgo, jornalista, poeta, romancista e ensaísta. Considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL) e também o precursor da Escola Literária do Realismo no Brasil, com a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no ano de 1881, não podendo ser classificado somente nessa estética literária. Em suas obras, podemos notar a forte presença feminina e a importância que as mulheres ocupam em suas narrativas. Através de suas obras, é possível estudar acerca dos aspectos políticos, históricos e culturais brasileiros.

Propomos compreender como o romance de *Esaú e Jacó* se remete a um contexto de inovações políticas e estéticas para a época e ao mesmo tempo narra a rivalidade entre os gêmeos Pedro e Paulo. Então, para o nosso recorte temático iremos analisar a personagem Flora, que é um dos motivos de disputa entre os irmãos, na qual abordaremos nela as questões emocionais, suas atitudes e seu modo de pensar a respeito dos acontecimentos políticos vivenciados.

Nesse sentido, visamos compreender a reação do povo quanto à transição do regime político de Monarquia para República, especificamente sob a visão da personagem machadiana Flora, de *Esaú e Jacó* (1904). A jovem, como era descrita por Aires, era vista como inexplicável, modesta, bonita, retraída, não se sentia bem em eventos públicos e tocava piano. Sendo assim, muito parecida com as moças da sociedade burguesa do século XIX, mas ela ia além de uma simples figura feminina no romance, pois a mesma estava indecisa e receosa em escolher Pedro ou Paulo para amar.

Partindo da representação da personagem Flora dentro do romance *Esaú e Jacó*, pelo olhar do jogo ambivalente entre Monarquia e República no Brasil e no amor por Pedro e Paulo. Sabendo-se assim, que os dois regimes traziam medo à população brasileira, tornando assim, uma sociedade indecisa e perdida, pois tinham receio em optar por um desses dois governos e os gêmeos representam a rivalidade de amor e de poder.

A pesquisa tem como objetivo principal analisar a relação entre o sentimento da nação brasileira do século XIX frente a mudança dos sistemas políticos e as ações

e pensamentos da personagem Flora por meio da sua indecisão amorosa entre os gêmeos. Então, temos que ter em mente que existia entre Pedro e Paulo uma rivalidade política que pode ser associada com a situação do país. Para isso, precisamos examinar a complexidade de Flora dentro da narrativa e compreender a relação afetiva que a mesma tinha com os irmãos como uma alegoria da política brasileira.

O interesse por essa pesquisa surgiu a partir da leitura da obra *Esaú e Jacó* (2005), de Machado de Assis e das discussões a respeito do livro no Projeto de Extensão *Clube do Livro CAP/UERN: Um território para experiências literárias*, no qual pudemos notar a importância desse romance, sobretudo no enfoque dos aspectos políticos brasileiros da época (séc. XIX) e para além dela. Percebemos que toda a construção do romance de algum modo recai na personagem feminina Flora, mesmo ela tendo um posicionamento secundário na narrativa, porém ela é uma das presenças mais marcantes em termos de desempenho.

Notamos que a personagem Flora, na obra de Machado de Assis foi pouco explorada em pesquisas anteriores, a primeira vez que a personagem foi estudada foi em 1952, com Augusto Meyer que foi um dos maiores críticos da literatura, em especial das obras machadianas. Meyer abriu caminho para outros pesquisadores como Joana do Prado Melo Hardman (2012), que trabalhou a indecibilidade de Flora e como as autoras Cristiana Soares de Oliveira, Luana Rafaela dos Santos de Souza e Taís da Silva Lima (2017) que apresentaram um artigo explicando a incompletude de Flora dentro do romance *Esaú e Jacó*, pesquisas essas que nos auxiliaram na análise da personagem a partir do nosso recorte temático escolhido.

Acreditamos que essa pesquisa é relevante para a academia por tratar de uma obra que explica a complexa transitoriedade política do século XIX, fazendo uso dos personagens para recriar a realidade da época e a reação do povo. Dessa forma, observamos que a personagem Flora tem uma forte relação com a sociedade brasileira, pois o autor Machado de Assis criou uma figura feminina, que estava no centro dos principais acontecimentos sócio-políticos em uma época em que as mulheres não podiam expressar opiniões nesse âmbito, porém é nesse momento que as mulheres começam a ler no Brasil. É por isso que a jovem Flora merece ser analisada, pois mostra que as atitudes da personagem eram semelhantes à população da época.

Dessa forma, é importante verificar a relação da dúvida que a sociedade passava durante a transição desses dois regimes através do triângulo amoroso entre Flora e os gêmeos. Ela sofria por não conseguir escolher um dos irmãos, buscava sempre refletir para conseguir escolher, porém não teve sucesso e com isso foi acometida a vários acontecimentos no decorrer da narrativa.

Para essa pesquisa optamos pelo estudo crítico. Dessa forma, podemos entender que a obra traz também, em uma linha geral, a transição de Monarquia para República por meio da visão feminina. Percebemos então que a personagem Flora pode ser vista enquanto configuração literária que representa o povo em *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis.

A análise foi realizada de maneira interpretativa, tendo como objetivo proporcionar uma visão acerca da personagem Flora dentro da obra, buscando sua importância no livro, pois representa na personagem sentimentos semelhantes com a da sociedade brasileira na época da transição política. Também destacamos o caráter bibliográfico do estudo, afinal esta é uma análise científica, por isso buscamos informações em livros, dissertações, teses, entre outras fontes que se relacionam com o nosso *corpus* de estudo, focando assim na personagem Flora para a construção do objeto desta pesquisa. Com uma abordagem qualitativa, interpretando a função de Flora dentro do romance.

Para nos ajudar na construção dessa pesquisa teórico-analítica teremos como aporte os autores: Chevalier e Gheerbrant (2007), pois necessitamos do *Dicionário de Símbolos* para nos ajudar a decifrar as questões na obra; Antonio Candido (1977, 2007) para pensarmos como Machado de Assis foi um autor enigmático que conseguiu por meio de suas obras fazer denúncias implícitas e a sua teoria da personagem para nos orientar a respeito da categoria de análise escolhida; Hardman (2012) para trabalhar a indecibilidade de Flora e de como ela atua dentro da narrativa; Renato de O. Rocha (2014) para as questões históricas que se assemelham com a ficção; D’Incao (2012) para mostrar como era vista a mulher do século XIX; Gledson (2003) que abordamos um capítulo do seu livro *Machado de Assis: ficção e história* que explica exatamente sobre *Esaú e Jacó* como suporte para a elaboração dessa pesquisa; entre outros autores.

A presente pesquisa é dividida em dois capítulos teórico-analíticos, o primeiro é intitulado “‘Coisas futuras’: uma visão machadiana sobre a transição de Monarquia para a República”. Este capítulo foi dividido em dois tópicos: [1] “Esaú e Jacó e a

interface literatura e política”, em que abordamos o contexto da mudança de regime e a representação dos gêmeos Pedro e Paulo na obra e [2] “ ‘Mas o céu negou-lhes essa consolação dinástica’: Flora e a representação da mulher burguesa brasileira do século XIX”, traçando a relação da figura feminina dessa época com as características da personagem Flora.

O segundo capítulo tem como título “As incertezas do povo brasileiro sob a ótica da personagem Flora”, e está dividido também em dois tópicos: [1] “A tabuleta não tão nova do governo: o medo da transitoriedade”, nele abordamos principalmente a cena do confeitiro, associando como estavam os ânimos da sociedade brasileira em relação à transitoriedade dos sistemas políticos e [2] “Flora e o povo brasileiro”, interpretando a relação existente entre os sentimentos e as atitudes da personagem machadiana em relação aos irmãos gêmeos e ao povo brasileiro, abrindo assim, novos caminhos para pesquisas futuras.

CAPÍTULO I – “COISAS FUTURAS”: UMA VISÃO MACHADIANA SOBRE A TRANSIÇÃO DE MONARQUIA PARA A REPÚBLICA NO BRASIL

1.1 *Esaú e Jacó* e a interface literatura e política

O século XIX foi marcado por vários acontecimentos políticos, sociais e históricos, dos quais podemos destacar a Abolição da Escravatura (1888) e a proclamação da República (1889). Foi diante desse contexto que a estética realista chegou ao Brasil, precisamente com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), do escritor Machado de Assis e precursor do movimento, e segundo Alfredo Bosi (2017, p. 184), o autor realista é “o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira [...]”. Cabendo ressaltar que o Realismo buscou romper com os antigos valores do Romantismo, incorporando teorias científicas na construção dos romances da época.

Sendo assim, Machado de Assis, por meio de seu fazer literário, abordou os novos ideais que entravam em vigor na literatura abarcando assuntos polêmicos, bem como denúncias sociais. Diante disso, é importante ressaltar que o escritor, mesmo fazendo parte do Realismo, não significa que podemos fechar toda a sua obra nessa classificação, afinal “[...] Machado de Assis, enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias que todos podiam ler” (CANDIDO, 1977, p. 17). Apresentando assim muitas faces em suas obras revelando a sua capacidade de não se fechar em uma única estética. Entre as muitas obras machadianas¹ publicadas nesse período, podemos destacar o romance *Esaú e Jacó* (2005), na qual iremos deter a nossa análise.

O romance *Esaú e Jacó* foi o penúltimo livro de Machado de Assis, escrito no ano de 1904. Diante disso, cabe ressaltar que em alguns de seus romances, abordou temáticas amorosas até mesmo a trilogia realista, como aponta a crítica literária, mas nessa obra temos um diferencial na questão amorosa, que se assemelha, até certo

¹ *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

ponto, a suas narrativas realistas, pois ele fugiu das características marcantes desses romances, apresentando outros caminhos, como aponta Gledson :

Em aspectos óbvios e fundamentais, *Esaú e Jacó* é diferente de todos os outros romances que Machado escreveu- inclusive, como veremos, de *Memorial Aires* apesar do elo que representa o narrador comum, conselheiro Aires. Em grande parte, isto é consequência do enredo, de sua natureza e de seus *status*. Enquanto os outros romances dependem, em grande proporção, da intriga amorosa, frequentemente com insinuações, ou mais que simples insinuações, de adultério e traição, o enredo central de *Esaú e Jacó* parece calculado para desapontar, logo no início [...] (GLEDSON, 2003, p. 187)

Em linhas gerais, *Esaú e Jacó* (2005) narra a transitoriedade política de Monarquia para República descrita através dos gêmeos Pedro e Paulo. Machado de Assis, em sua obra, trouxe características a respeito dessa mudança política através da alegoria existente entre os dois irmãos idênticos fisicamente, mas que tinham pensamentos opostos. Um confronto que já existia desde a formação dos fetos. Essa alegoria política é exposta na obra com as ideias monarquistas de Pedro e as ideias republicanas de Paulo, além da aparência física, a única semelhança entre eles era a paixão pela personagem Flora, o que lhes causava rivalidade em quase todas as esferas da existência.

A história se inicia com a mãe dos gêmeos, chamada Natividade, indo em direção do Morro do Castelo, espécie de favela localizada no Rio de Janeiro. Embora fosse uma mulher muito religiosa aos moldes tradicionais do catolicismo, Natividade, ao ouvir falar de uma cabocla chamada Bárbara do subúrbio, que previa o futuro das pessoas, decide ir à procura, pois apresentava uma preocupação em relação ao futuro dos seus filhos e acreditava que essa misteriosa mulher poderia lhe ajudar revelando qual seria o destino deles.

Bárbara inclinava-se aos retratos, apertava uma madeixa de cabelos em cada mão. [...] Natividade não tirava os olhos dela, como se quisesse lê-la por dentro. E não foi sem grande espanto e lhe ouviu a pergunta se os meninos tinham brigado antes de nascer.

- Brigado?

- Brigado, sim, senhor.

- Antes de nascer?

- Sim, senhora, pergunto se teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra?

Natividade, que não tivera a gestação sossegada, responde que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores e insônias... [...] Natividade instou pela resposta, que lhe dissesse tudo, sem falta... [...]

- Serão grandes, oh! Grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... brigaram no ventre de sua mãe, que tem? Cá fora também se briga [...].
(ASSIS, 2005, p. 16-17).

Nesse diálogo tomamos conhecimento que os gêmeos Pedro e Paulo começaram sua rivalidade antes do nascimento, remetendo ao fato bíblico descrito em “Gênesis” acerca dos irmãos Esaú e Jacó (cf. Bíblia, Gênesis, Cap. 25), que não por acaso vem a ser o título dessa narrativa machadiana. Natividade, assim como a personagem bíblica Rebeca, teve uma difícil gravidez, pois “sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores e insônias”, sendo esses movimentos as ações das brigas entre os irmãos dentro de seu ventre e como prossegue no texto “que tem? Cá fora também se briga”, que eles prosseguiram as discussões ao longo da vida. Outra observação feita a partir dessa citação é o fato de Natividade ter ido ao morro para saber o futuro dos seus filhos, ela não acreditou nas palavras ditas pela cabocla. Essa mulher que previa acontecimentos também era religiosa, acreditava em Deus, sendo que essa figura está representada no romance como uma espécie de sibila ou cigana, mostrando o sincretismo religioso brasileiro.

Como mencionamos, essa ação assemelha-se com os acontecimentos expostos na *Bíblia* (principal intertexto deste romance), no Antigo Testamento, em que vamos ter a história da discórdia entre dois irmãos, também nomeados como Esaú e Jacó. Considerando que um texto literário abre diálogo com outros textos, neste caso podemos perceber a intertextualidade que a história mantém com os textos bíblicos, há uma semelhança tanto no nome quanto nas ações:

E estas são as gerações de Isaque, filho de Abraão: Abraão gerou a Isaque e Isaque tinha quarenta anos quando tomou por mulher a Rebeca, filha de Betuel, arameu de Padã-Arã, e irmã de Labão, arameu. Ora, Isaque orou insistentemente ao Senhor por sua mulher, porquanto ela era estéril; e o Senhor ouviu as suas orações, e Rebeca, sua mulher, concebeu. E os filhos lutavam no ventre dela; então ela disse: Por que estou eu assim? E foi consultar ao Senhor. Respondeu-lhe o Senhor: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas estranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o mais velho servirá ao mais moço. O nascimento de Esaú e Jacó. Cumpridos que foram os dias para ela dar à luz, eis que havia gêmeos no seu ventre. Saiu o primeiro, ruivo, todo ele como um vestido de pelo; e chamaram-lhe Esaú. Depois saiu o seu irmão, agarrada sua mão ao calcanhar de Esaú; pelo que foi chamado Jacó. E Isaque tinha sessenta anos quando Rebeca os deu à luz. (BÍBLIA, GÊNESIS, Cap. 25, v. 19-26)

Diante dessa passagem, podemos comparar que aquilo que acontece com os personagens machadianos aconteceu também com os filhos de Rebeca, ambos disputaram entre si, competindo para saber quem sairia primeiro do útero. Isso remete a ideia da divisão que seria causada entre duas nações, estendendo a divergência dos dois no desenrolar da história, semelhante a Pedro e Paulo que se dividem entre dois poderes políticos: Monarquia e República

Então, no Capítulo 1, intitulado *Coisas Futuras*, temos a seguinte epígrafe *Dici,che quando l'anima mal nata...* Verso de Dante Alighieri, extraído da *Divina Comédia*, no Canto V da parte “Inferno”. A tradução: “Digo, que quando a alma (é) mal nascida”, sendo um prenúncio de como terminará a narrativa e “entende-se como uma advertência para algo que começa mal e que, invariavelmente, não pode terminar bem. Isso diz muito em relação à rivalidade dos irmãos” (ROCHA, 2014, p. 173). Apresentando assim, uma pequena demonstração do final da rivalidade dos gêmeos, que é uma espécie de predestinação.

Na narrativa podemos analisar a questão da escolha dos nomes dos gêmeos, que fazem referência a dois apóstolos da Bíblia, o apóstolo Pedro e o apóstolo Paulo, que, mesmo sendo homens de Deus, também tinham suas divergências entre si. O narrador aponta como se deu este surgimento da ideia de pôr neles o nome dos apóstolos bíblicos:

[...] Um dia estando Perpétua à missa, rezou o Credo, advertiu nas palavras: “... os santos apóstolos, S. Pedro e S. Paulo”, e mal pôde acabar a oração. Tinha descoberto os nomes; eram simples e gêmeos. Os pais concordaram com ela e a pendência acabou. [...] Os pequenos, que se distinguiam por uma fita de cor, passaram a receber medalhas de ouro, uma com a imagem de S. Pedro outra com a de S. Paulo. [...]. (ASSIS, 2005, p. 29)

Como está posto na citação acima, os gêmeos, mesmo depois de nascidos ainda não tinham nomes “Os pequenos, que se distinguiam por uma fita de cor”. A irmã de Natividade, Perpétua, que estava em um momento de oração e em um desses momentos pediu o aconselhamento dos santos apóstolos Pedro e Paulo para conseguir os nomes dos seus sobrinhos, logo se deu conta que esses seriam nomes excelentes para as crianças. Notamos, que os dois nomes começam com a mesma inicial e contém a mesma quantidade de letras, representando assim a igualdade dos gêmeos. Mas também observamos que o autor Machado de Assis abordou com certa ironia ao mencionar que Perpétua agiu pelo automatismo, pois não conhecia a

verdadeira história por trás das duas vertentes religiosas a respeito de quem eram Pedro e Paulo.

Para que fique claro, é importante conhecer a história dos apóstolos, segundo o relato bíblico Pedro era um pescador, homem simples, e sendo bastante conservador, também se encontrava entre os doze discípulos de Jesus Cristo e o Paulo é conhecido por ter escrito diversas cartas bíblicas e pelas pregações feitas durante sua vida como cristão. Mas temos que entender que estes apóstolos também tinham conflitos entre si. A passagem bíblica que relata a discórdia deles está na Epístola do próprio S. Paulo (BÍBLIA, GÁLATAS, Cap. 2, v. 11), pois Paulo enfrenta Pedro face a face, porque este teve sua má conduta em se afastar dos gentios² e que não fazia mais refeições com eles, por isso o apóstolo Paulo ficou desarmonioso com a atitude de Pedro e o enfrentou. Para muitos é um episódio tenso por se tratar de dois líderes religiosos, assim, a desavença entre os apóstolos também foi citada na obra pelo Doutor Palácio, que era um profeta religioso, que está citado na obra e foi procurado por Santos para saber dessa relação, como pode-se observar no trecho em destaque:

O doutor foi à estante e tirou uma *Bíblia*, encadernada em couro, com grandes fechos de metal. Abriu a *Epístola de S. Paulo aos Gálatas*, e leu a passagem do capítulo II, versículo 11, em que o apóstolo conta que, indo a Antióquia, onde estava S. Pedro, “resistiu-lhe na cara”. [...] – Sem contar que este número *onze* do versículo, composto de dois algarismos iguais, 1 e 1, é um número gêmeo, não lhe parece? – Justamente. E mais: o capítulo é o segundo, isto é, dois, que é o próprio número dos gêmeos (ASSIS, 2005, p. 42).

Santos buscou saber se os nomes dos filhos dele teriam alguma relação com os apóstolos S. Paulo e S. Pedro, pois existia em um trecho bíblico uma divergência entre eles. Quando o doutor abriu nesta passagem, observou que estava situado no versículo onze, que são dois algarismos iguais se referindo assim, a fisionomia física dos gêmeos, porém este numeral vai além disso. É apresentado por meio do *Dicionário de Símbolos*, dos autores Chevalier e Gheerbrant (2007) o significado do número onze:

[...] o 11 é o signo do excesso, da desmesura, do transportamento, seja de uma espécie for, incontidência, exagero no julgamento. Este número anuncia um conflito virtual. [...] Onze é o número pelo qual se constitui na sua tonalidade (**tch’eng**) a via do Céu e da Terra. É o

² Na Bíblia eram todos os povos não judeus

número do **Tao** (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p.660-661) grifos do autor.

Podemos analisar a questão simbólica do número onze que representa um conflito, podendo se relacionar tanto com as desavenças dos apóstolos quanto a dos gêmeos. Quando na citação, os autores se remetem ao Tao da filosofia chinesa, notamos nele a presença de *Yin* e *Yang* representando para a obra *Esau e Jacó* (2005) não exatamente as ideias opostas, mas a ambivalência dos pensamentos e caráter que se configura em uma mesma relação, que neste caso seria Monarquia e República/Pedro e Paulo. Depois Palácio compara a questão de ser citado o número dois de que “o capítulo é o segundo, isto é, dois, que é o próprio número dos gêmeos (ASSIS, 2005, p. 42), pois o número dois é a totalidade dos irmãos. Os autores Chevalier e Gheerbrant (2007) discorrem sobre o significado simbólico do número dois, observar-se a seguir o que diz a respeito sobre este número:

Símbolo de oposição, de conflito, de reflexão, esse número indica o equilíbrio realizado ou ameaças latentes. [...] O número dois simboliza o dualismo, sobre qualquer esforço, todo combate, todo movimento, todo progresso. [...] O dois exprime, então, um antagonismo que de latente se torna um manifesto; uma rivalidade, uma reciprocidade, que tanto pode ser de ódio quanto de amor; uma oposição [...]. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 346)

Os autores Chevalier e Gheerbrant tratam o número dois como um símbolo de oposição, conflito e de antagonismo, se relacionando com as desavenças entre os irmãos Pedro e Paulo, que tem pensamentos opostos, e também trazem o número dois como reciprocidade, pois não havia só divergências entre Pedro e Paulo/Monarquia e República, esse novo poder que estava para ser instaurado não era uma mudança que melhoraria a vida do povo, mas apenas um substituição de pessoas realizada pela elite econômica. Falando de suas diferenças, destacamos as preferências dos irmãos, o primeiro decidiu estudar medicina no Rio de Janeiro e segundo foi cursar Direito na cidade de São Paulo, então para John Gledson(2003), a escolha dos irmãos não está destacada na obra apenas para mostrar suas vocações, mas para o autor existe uma explicação sobre o cargo escolhido e a localidade dos estudos estarem associados às escolhas partidárias dos gêmeos:

As trajetórias de ambos são igualmente características: um estuda para ser médico, o outro advogado: isto também se ajusta a uma visão (talvez mais monarquista) do Império como influência sanativa, unificadora (embora seja possível duvidar disso, dadas as opiniões de

Machado sobre a medicina), e da República como briguenta e superficial (interessada na letra da lei). Pedro estuda no Rio, Paulo em São Paulo: aqui, há uma clara referência ao centro de poder de cada regime. (GLEDSON, 2003, p. 199)

Gledson nos mostra que a localidade dos estudos de Pedro e Paulo faz referência ao poder centrado de cada regime. Por exemplo, no Rio de Janeiro estava centralizado o Sistema da Monarquia (Família Real) e em São Paulo encontrava-se um forte poder de ideias republicanas, cidade que inclusive marca a “política do café”, posteriormente com Minas Gerais entrando no jogo político e formulando a troca oligárquica da “política do café com leite”.

No Capítulo 17, *Tudo o que restrinjo*, tem uma amostra dos gêmeos ainda bebês, disputavam quem mamar mais como diz o narrador: “os gêmeos, não tendo o que fazer, iam mamando. [...] cada qual então parecia querer mostrar que mamava mais e melhor, passeando os dedos pelo seio amigo, e chupando com alma” (ASSIS, 2005, p. 44). A todo instante eles tentam, de alguma forma, mostrar superioridade um sobre o outro. Podemos entender que as brigas eram constantes, apesar de serem crianças belas, existiam os famosos desentendimentos como previsto pela cabocla Bárbara, nas quais ecoam sucessivamente pela narrativa.

Diante das atitudes e dos pensamentos dos irmãos, que escolheram divergirem nos assuntos relacionados à política notamos que ambos tinham seus próprios ideais em assumirem um posicionamento, como podemos ver no Capítulo 23 *Quando tiverem barbas*, fazem uma pergunta aos irmãos e eles respondem de uma maneira rápida, como é observada no trecho a seguir:

Paulo respondeu: – Nasci no aniversário do dia em que Pedro I caiu do trono. E Pedro respondeu: – Nasci no aniversário do dia que Sua Majestade subiu ao trono. As respostas foram simultâneas, não sucessivas, tanto que a pessoa pediu-lhes que falasse cada um por sua vez. A mãe explicou: – Nasceram no dia 7 de abril de 1870. (ASSIS, 2005, p. 53)

Diante desse trecho, também percebemos a ironia trazida por Machado de Assis ao mostrar os gêmeos e a pessoa que os estava ouvindo, ele gostava de mostrar o despreparo e a falta de conhecimento da classe burguesa, pois a mulher que fez a pergunta não conhecia estes fatos históricos e por isso não conseguiu compreender a data do nascimento dos meninos. Mas a mãe deles, Natividade, resolveu ela mesma explicar “no dia 7 de abril de 1870”, uma data histórica para o Brasil, e se não fosse a

mãe dos gêmeos, a mulher não saberia desse fato político tão importante para o Brasil, e assim como Perpétua que não tinha conhecimento bíblico, mesmo sendo religiosa, a mulher não sabia o que se passava no seu próprio país. Sobre isso autor Renato de Oliveira Rocha (2014) faz a seguinte colocação:

A diferença das opiniões em relação à mesma data de nascimento revela o caráter liberal de Paulo em contraste à visão conservadora de Pedro e, conseqüentemente, a preferência política de cada um. Além disso, a data 7 de abril, no ano de 1831, marca a abdicação de Dom Pedro I ao trono de Imperador em favor de seu filho, Dom Pedro de Alcântara, que, pela pouca idade que o impossibilitava de assumir o Império, teve como tutor José Bonifácio de Andrada e Silva. (ROCHA, 2016, p. 174)

A data de 7 de abril de 1831 como o autor Rocha nos mostra, se remete abdicação de Dom Pedro I em favor da subida ao trono do seu filho, Pedro II. Este que por sinal, segundo os estudos de Lilia Moritz Schwarcz, no seu *As barbas do imperador* (1998), foi o primeiro imperador nascido no Brasil, pois os outros que comandavam o país eram vindos de Portugal, chegando a ser comparado, como símbolo religioso dos portugueses, ao Menino Jesus. Mas antes dele se submeter ao trono pela menoridade, o seu tutor José Bonifácio de Andrada e Silva, assumiu o cargo temporariamente, podemos assim, perceber que ironicamente a obra também está interligada com as datas históricas. Outra questão a ser abordada na obra de *Esaú e Jacó* (2005), se assemelhando com esse acontecimento histórico, foi que a troca de liderança era apenas uma mudança de nomes, de ministérios, mas que não mudaria quase nada nas ideias e práticas, continuando na mesma monotonia.

Para entendermos melhor como se deu este fascínio de Pedro pelas ideias monarquistas e Paulo com as republicanas, veremos um trecho em que os gêmeos, ainda crianças, foram em uma loja de vidraceiros localizada na Rua da Carioca e encontram dois retratos de figuras importantes da Revolução Francesa:

Pedro viu pendurado um retrato de Luís XVI, entrou e comprou-o por oitocentos réis; era uma simples gravura atada ao mostrador por um barbante. Paulo quis ter igual fortuna, adequada às suas opiniões, descobriu um Robespierre [...] até que um dia Paulo rasgou a de Pedro, e Pedro a de Paulo. Naturalmente, vingaram-se a murro [...]. (ASSIS, 2005, p. 55-58)

Pedro escolheu o retrato do último rei da França, Luís XVI (1754-1793), um monarca que sofreu com as dificuldades econômicas dentro do seu reinando. Então os franceses, insatisfeitos com estes problemas ocasionados com as fracas atitudes

do rei, decidiram buscar por meio de uma revolução (francesa) uma forma de consertar as atribuições que o país enfrentava. E Paulo optou pela foto de Robespierre (1758-1794), que foi um republicano francês e revolucionário, estando nas lutas da Revolução Francesa. Notamos assim, uma forte inspiração dos irmãos em relação às figuras encontradas.

Então, de maneira direta e concisa, o sistema monárquico ou imperialista no Brasil era um regime liderado por um rei ou imperador. A transmissão desse posto era de forma hereditária, isto é, passada de pai para filho. Esse período se dividiu em três fases chamadas: [1] Primeiro Reinado (1822-1831), que era dominado por Dom Pedro I. [2] Regência (1831-1840), nesta fase José Murilo de Carvalho (2012) começou a partir da abdicação de Dom Pedro I para o seu filho Dom Pedro II. Mas isso não foi apenas uma simples tarefa, pois os brasileiros se encontravam insatisfeitos com as atuações de Dom Pedro I e o [3] Segundo Reinado (1840-1889). Este último ficou conhecido como o golpe da maioria, pois Carvalho (2012) explica que foi um episódio turbulento para Dom Pedro II assumir o trono com apenas quatorze anos, porque o correto seria que ele assumisse o cargo somente em 1843.

Também devemos compreender como teve início o surgimento do movimento republicano no Brasil. Ele surgiu a partir do ano de 1870, acreditando que devesse haver eleições, isto é, neste formato político era escolhido, pelo voto de uma grande parte da população, um presidente para liderar o país. Mas a partir de *Esaú e Jacó*, veremos, que a história brasileira é feita de armadilhas, usurpações, explorações e alianças espúrias.

Durante o século XIX ocorreu no Vale do Paraíba (SP) uma crise econômica, nesse local que exercia uma representatividade da produção cafeeira do Brasil. Devemos compreender que no país houve uma divisão política, por exemplo, os fazendeiros do Estado da Paraíba eram apoiadores do sistema monárquico e o do Oeste Paulista do movimento republicano. O problema mais grave para o fim da Monarquia foi a abolição da escravatura, foram muitos anos de terror para os negros, existindo no Brasil vários escravos ilegais, segundo Sidney Chalhoub (2012) existiu uma lei datada em 7 de novembro de 1831 que proibia o tráfico de escravos africanos no país, mas isso não impediu o contrabando de negros, existindo uma enorme quantidade de escravos em situação ilegítima.

No ano de 1888 os negros conseguiriam a alforria, embora não tenha sido como fora imaginado. Os escravos não ficaram realmente livres, pelo contrário, a situação

ficou mais crítica, pois como defende Gilberto Maringoni (2011), os negros foram entregues à própria sorte, pois não houve de verdade um projeto social que os integrasse no convívio social e muito menos econômico.

Machado de Assis, acompanhando esse momento histórico, configurou na obra *Esaú e Jacó* (2005) um episódio descrevendo como foi o dia da liberdade dos escravos, que está no capítulo 37 intitulado *Desacordo no acordo*:

Não esqueça dizer que, em 1888, uma questão grave e gravíssima os fez concordar também, ainda que por diversa razão. A data explica o fato: foi a emancipação dos escravos. Estavam então longe um do outro, mas a opinião uniu-se. A diferença única entre eles dizia respeito à significação da reforma, que para Pedro era um ato de justiça, e para Paulo era o início da revolução. Ele mesmo disse, concluindo um discurso em S. Paulo, no dia 20 de maio: “A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipando o preto, resta emancipar o branco”. (ASSIS, 2005, p. 74)

No primeiro momento quando abordamos as questões da libertação dos escravos e entre outros acontecimentos, podemos observar que Machado de Assis nos possibilita a pensar, observar e ler todo o contexto da época. Então, essa citação nos mostra um Paulo mais revolucionário, assim como o apóstolo Paulo, acreditando que “emancipando o preto” era mais um povo que lutaria juntamente com os republicanos, fato esse que Araújo (2019, s/p) chama atenção ao dizer que “o fim da escravidão foi um processo lento e gradual”, pois a emancipação não ocorreu de fato, ao invés dos ex-escravos serem indenizados pelo tempo de escravidão, “o que realmente prevaleceu nos debates públicos era a questão de como compensar financeiramente os proprietários de escravos pela perda da propriedade escrava” (ARAÚJO, 2019, s/p). Quando Paulo enfatiza que “resta emancipar o branco”, sendo uma oportunidade de tomada de poder para o sistema republicano. Retornando para o ano de 1871, que foi sancionada a Lei de Ventre Livre, segundo a historiografia oficial, nas quais os filhos gerados pelas escravas se tornariam livres, mas somente no dia 13 de maio que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que instaurava a liberdade de todos os escravos. Diante disso, aos poucos o regime republicano ganhou força dos fazendeiros e militares. Então, no dia 15 de novembro de 1889 foi proclamada a República no Brasil. Podemos entender que em *Esaú e Jacó* (2005) tem um episódio que fala do acontecido, intitulado de *Manhã de 15*. Observa-se no trecho a seguir um momento agitado do país em relação a mudança de sistema:

Notou que pouca gente que havia ali não estava sentada, como de costume, olhando à toa, lendo gazetas ou cochilando a vigília de uma noite sem cama. Estava de pé, falando entre si, e a outra que entrava ia pegando na conversação sem conhecer os interlocutores; assim lhe pareceu, ao menos. Ouviu palavras soltas, *Deodoro, batalhões, campo, ministério* etc. (ASSIS, 2005, p. 117)

O capítulo começa quando o Conselheiro Aires saiu para relaxar e notou que as pessoas estavam com conversas paralelas sobre um dos protagonistas do sistema republicano conhecido como Marechal Deodoro da Fonseca. Ele era militar e se tornou o primeiro presidente da República no Brasil. Então, quando Paulo soube que oficialmente estava proclamada a República no Brasil, ele ficou radiante com o acontecimento, porém Pedro não ficou satisfeito com a derrota da Monarquia.

Segundo as mudanças ocorridas no país representadas pela obra, Tokashiki (2014, p. 15) diz que “*Esaú e Jacó* tem o significativo papel de representar a realidade social por meio de uma narrativa que idealiza o real, onde conceitos políticos, sociais, comportamentais e sentimentais são recriados em um romance.” Podemos perceber assim, que Machado de Assis consegue abordar novas concepções de mundo e metaforizar as mudanças do regime para a população por meio de seu fazer literário.

Devemos considerar que a rivalidade entre os gêmeos não estava somente direcionada para a política, mas se concentrava também na disputa pela mesma mulher, essa que tem seus sentimentos divididos entre os dois rapazes, pois não conseguia decidir com quem iria ficar. Outra questão a ser abordada é de que os gêmeos não falam abertamente dos seus sentimentos pela jovem Flora e continuavam no mesmo embate de oposição segundo a citação abaixo:

[...] Paulo entrou a fazer oposição ao governo, ao passo que Pedro moderava o tom e o sentido, e acabava aceitando o regime republicano, objeto de tantas desavenças. [...] A oposição de Paulo não era ao princípio, mas à execução. Não é esta a república dos meus sonhos [...]. (ASSIS, 2005, p. 197)

Pode ser observado que mesmo que os gêmeos estejam no mesmo governo, eles, guiados pelo destino, acabam se tornando adversários, no qual Pedro se torna um aliado e Paulo revoltado com as propostas do sistema, não apoia a República, pois enfatiza que ela não era o “governo dos sonhos”, criando a ideia de que nenhum dos sistemas poderia solucionar os problemas do Brasil ou trazer propostas que favorecessem a condição de toda a população. John Gledson faz a seguinte

colocação sobre a mensagem que está explícita no romance, a respeito de como a sociedade se sentiu e se posicionou diante dessa transitoriedade de Monarquia para República:

A mensagem do romance, pelo que vamos percebendo até agora, é de desespero constante. Vemos uma sociedade que perdeu o controle sobre seu destino e o contato com seu passado. [...] É óbvio o enredo central do romance, a competição dos gêmeos [...]. (GLEDSON, 2003, p. 231)

Sabe-se que a narrativa gira em torno da rivalidade entre irmãos que representam os dois sistemas políticos, mas, diante disso, precisamos voltar o nosso olhar para compreender, por meio desses personagens, como a sociedade estava agindo e se sentindo perante esse contexto, pois a população, em especial a minoritária, estava insegura em relação ao governo político que se instaurava no momento, afinal não tinham a certeza se ele iria favorecer no desenvolvimento da nação brasileira e se iria alavancar a economia do país. Até porque a população estava em um momento de opressão, quem tomava conta das decisões políticas era a classe burguesa, provocando no povo o sentimento de incerteza. Diante de tal contexto, não sabiam ao certo qual caminho seria mais seguro para a conquista de um futuro melhor para o Brasil.

Então, diante dessa discussão pudemos compreender a respeito dos gêmeos em sua representação dentro da obra machadiana, eles são idênticos apenas na aparência física, pois suas personalidades são distintas, embora tivessem interesses comuns, em se tratar de poder político e o amor de Flora. Tanto um como o outro acreditava que o regime que apoiavam seria o melhor para o Brasil, uma solução para os problemas do país. Diante disso, abrimos um espaço para abordar a personagem Flora como representação da mulher burguesa brasileira do século XIX.

1.2 “Mas o céu negou-lhes essa consolação dinástica”: Flora e a representação da mulher burguesa brasileira do século XIX

Diante dos acontecimentos do século XIX e as mudanças econômicas que ocorreram no Brasil, Maria Ângela D’Incao (2012) diz que a sociedade da época estava confusa com essas transformações por causa da expansão do capitalismo, no

qual o único interesse era o lucro e o aumento de bens para a burguesia. Com a ascensão da burguesia a mulher começou a ganhar notoriedade no meio social, pois antes só era vista como dona de casa, com papel somente dentro da família e do lar. Mas a partir dessas mudanças, a figura feminina deixou de habitar somente o espaço privado e passou a frequentar ambientes públicos, tais como ruas, bailes e cafés.

Mesmo com essas mudanças, a mulher continuava condicionada ao regime patriarcal, no qual estava sujeita ao pai ou marido, aquele que sustentava a família e tomava todas as decisões perante a sociedade. D’Incao (2012) aponta que mesmo com essa mudança, a mulher continuava submissa tanto aos olhares da família, quanto os da sociedade:

Nesses lugares, a ideia de intimidade se ampliava a família, em especial a mulher, submetia-se à avaliação e a opinião do “outros”. A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. [...] não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada. (D’INCAO, 2012, p. 228)

Como podemos observar no trecho, a autora aponta a mulher como sendo propriedade do homem, como era no modelo patriarcal, pois estava sujeita ao pai ou ao marido e também à opinião de terceiros quanto à sua maneira de se comportar. Seguindo nessa mesma linha dos autores Cristiana Oliveira; Rafael Santos e Taís Lima (2007), complementam que para a época, ter uma filha mulher não era um privilégio, e sim uma preocupação, pois o pai teria que (prover), conseguir um bom casamento para a filha, pois a mulher era considerada um ser frágil que necessitava de cuidados.

Ao falar da figura feminina no século XIX, vale lembrar a personagem Flora na obra *Esaú e Jacó* (2005), de Machado de Assis, quando o personagem, o Conselheiro Aires descreve-a trazendo a insatisfação dos pais em receber uma filha mulher, como se pode observar no seguinte trecho:

Tal era aquele casal de políticos. Um filho, se eles tivessem um filho varão, podia ser a fusão das suas qualidades opostas, e talvez um homem de Estado. Mas o céu negou-lhes essa consolação dinástica. Tinham uma filha única, que era tudo o contrário deles. [...] Quem a conhecesse por esses dias, poderia compará-la a um vaso quebradiço ou à uma flor de uma só manhã, e teria matéria para uma doce elegia. Já então possuía os olhos grandes e claros, menos sabedores, mas

dotados de um mover particular, que não era espalhado da mãe, nem o apagado do pai. [...] põe-lhe um nariz aquilino, rasga-lhe a boca meio risonha, formando tudo um rosto comprido, alisa-lhe os cabelos ruivos, e aí tens a moça Flora. (ASSIS, 2005. p. 65)

Machado de Assis traz uma questão peculiar ao abordar a chegada de uma filha na família de políticos. A sociedade da época via no filho homem um sucessor para o pai, no entanto, nasceu Flora. O início do trecho deixa em evidência a importância de ter um filho homem para o casal, para poder assim, assumir a liderança nos negócios e tomar as decisões familiares na ausência do pai. Neste caso, o pai de Flora, Batista, tinha como pretensão ter um filho para ser “talvez um homem de Estado”, mas lhes foi negada essa benção.

A filha de Batista tinha as mesmas atribuições das moças bem-sucedidas para a época, ela era delicada, bonita e tocava piano. Para muitos, a personagem Flora era uma jovem frágil e apenas seria mais uma que casaria e seria submissa ao marido, porém a personagem representa bem mais que isso, trazia consigo sentimentos complexos, como se pode observar na seguinte citação.

Era retraída e modesta, avessa as festas públicas, e dificilmente consentiu em aprender a dançar. Gostava de música, e mais piano que de canto. Ao piano, entregue a si mesma, era capaz de não comer um dia inteiro. [...] Até aqui nada há de extraordinariamente distingua esta moça das outras, suas contemporâneas [...] Flora, aos quinze anos, dava-lhe para se meter consigo. Aires, que a conheceu por esse tempo, em casa de Natividade, acreditava que a moça viria a ser uma inexplicável. (ASSIS, 2005, p. 65)

Para alguns leitores, Flora seria apenas uma representação da figura feminina da época, sendo doce, amável e que através das músicas cantadas e tocadas por ela no piano, transmitia um sentimento de autonomia. Dentre as atribuições que o Conselheiro Aires fez, observa-se que ele a diferencia das demais moças da época, ele a distingue como “inexplicável”.

Ao analisar as obras machadianas nos deparamos com personagens burgueses e que vivem uma vida regada de dinheiro, festas e outras regalias da alta sociedade, daí percebemos que o autor utilizava desse artifício em suas narrativas para criticar o que realmente se passava no meio da burguesia, o que estava por trás do verniz civilizatório. Também averiguamos que ele tem atribuído significação às personagens femininas dentro de suas narrativas e com Flora não foi diferente, ela vai além das moças de sua época, pois a trama se desenvolve em torno dela para

Joana do Prado Melo Hardman (2012, p. 14) também expressa sua opinião a respeito de Flora: “não se pode dizer que a jovem amada pelos gêmeos seja mais fraca que as outras, já que é nela que reside a possível solução do conflito indissolúvel entre os irmãos”.

Para a personagem Flora foi destinada uma função diferente das demais moças da época, Machado de Assis nos apresentou uma moça com qualidades que vão além do que se pode imaginar. Para Hardman (2012), Flora vem a ser uma possível solução para a briga entre os irmãos e ainda vem nos mostrar a definição das mulheres machadianas em suas obras:

Na primeira etapa da obra de Machado de Assis, os romances trazem um tom romanesco mais forte, com personagens que ainda carregam alguns traços dos ideais românticos. As heroínas machadianas, entretanto, independentemente da fase em que são inseridas, sempre trazem caracteres que instigam os leitores mais atentos. Por não se reduzirem a questões românticas e cronológicas, as personagens de Machado contam, desde suas primeiras obras, com traços que foram retomados e, posteriormente, aperfeiçoados. (HARDMAN, 2012, p. 18)

A pesquisadora nos convida a refletir sobre a evidência das heroínas machadianas, que com o tempo Machado de Assis se aperfeiçoou nas ações e na representatividade das mulheres em suas obras. Para muitos críticos, ele é considerado atemporal e visionário, pois contém traços de alguns períodos estéticos literários posteriores, e também nos possibilita a refletir temas atuais que estão dentro de suas narrativas até hoje.

Em *Esaú e Jacó* (2005) o narrador descreveu Flora como sendo uma personagem típica das moças da época, sabia tocar piano e fez aula de canto, era bonita e vinha de família burguesa, mas que se apaixonou por dois irmãos simultaneamente Pedro e Paulo, contrariando os preceitos burgueses, em relação aos sentimentos de amor e paixão. Entretanto Flora não consegue tomar um posicionamento a respeito dos dois, sendo cortejada pelos gêmeos, por isso ela tinha a mania de fazer brincadeiras com eles, trocando os nomes e tentava agradar os dois, de acordo com suas preferências como é descrito no trecho a seguir:

Em vão eles mudavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Flora mudava os nomes também e os três acabavam rindo. [...]. Paulo gostava mais de conversa que de piano; Flora conversava. Pedro ia mais com piano do que conversava; Flora tocava. Ou então fazia ambas as coisas, e tocava falando, soltava a rédea aos dedos e

à língua. [...] Flora é que fazia de Orfeu, ela é que era a cantiga. (ASSIS, 2005, p. 71)

Como podemos observar no excerto acima, a personagem Flora era feliz quanto estava com Pedro e Paulo e por isso tentava agradar os dois, pois não conseguia em nenhum momento escolher qual dos dois amava mais. Diante da citação acima, percebe-se que ela foi comparada a Orfeu, e segundo a mitologia grega Orfeu era cantor e músico, e através de sua melodia conseguia encantar qualquer ser, inclusive aqueles mais inescrutáveis como Hades. Relacionando essa referência mitológica com a personagem Flora, ela com seu jeito doce conseguiu encantar os homens que estavam a sua volta, em especial os gêmeos, o que dava a ela uma possível autonomia. Com seu encanto e arte/música conseguiu atrair os gêmeos como se fosse obra de feitiço, pois os dois eram apaixonados por ela.

É interessante notar que Flora sente-se bem ao lado deles e tem atributos para que os gêmeos também se sintam bem ao seu lado. Nessa relação amorosa vivida pelos três Flora não consegue decidir-se somente por um dos irmãos, quando está com Pedro, sente falta de Paulo e vice-versa, como se pode observar:

Quanto a Flora, ainda verde para os meneios de Terpsícore, era acanhada ou arrepiada, como dizia a mãe. E isto era o menos; [...], mas donde viria o tédio a Flora, se viesse? Com Pedro no baile, não; este era, como sabes, um dos dois que lhe queria bem. Salvo se ela queria principalmente ao que estava em S. Paulo. (ASSIS, 2005, p. 94)

A personagem Flora estava no baile da Ilha Fiscal, que foi uma festa oferecida pelo imperador Dom Pedro II em razão da visita da Marinha chilena no Brasil. Ela estava acompanhada do monarquista Pedro, ao qual ela amava, porém estava entediada, pois Paulo estava na cidade de São Paulo, então ela não se contentava em estar com apenas um dos irmãos. Flora não conseguia viver o tempo presente com o defensor do monarca, ela almejava também o republicano, ela se sentia incompleta ao estar somente com um dos gêmeos, tal qual o povo da época e de hoje em dia que a todo instante sentem desejo de mudança (progresso ou regresso). Isso mostra quão atual é o romance *Esaú e Jacó*, pois traz a representatividade do povo do século XIX, como também do século XXI.

Nesse sentido, como a teoria de Beth Brait (1985) sobre personagem nos mostra a característica de uma personagem redonda, que se encaixa exatamente com Flora, pois ela é multifacetada, que se apresenta de várias maneiras. Notamos

também que uma nova característica foi atribuída a personagem Flora por sua mãe, Dona Cláudia, de ser acanhada principalmente para a dança, como diz o trecho “[...] ainda verde para os meneios de Terpsícore [...]”, em alusão a deusa da dança, mas Flora não estava pronta para os manejos da dança no baile, pois podemos compreender que ela gostava da música de seu piano, que dialogava com alma, expondo os seus sentimentos mais humanos, sendo uma forma de comunicação intimista e menos performática e expositiva como a dança.

Para o crítico literário Gledson (2003, p. 201) “Flora, claro, aspira a um estado de inocência, pouco provável de se encontrar em qualquer parte da terra”, podemos assim, relacionar com o que Aires falou em relação dela ser algo “inexplicável”, pois era difícil encontrar alguma classificação, seria limitá-la. Dessa maneira, compreende-se que Flora tinha uma inocência incomum, ela não conseguia criticar ninguém, sempre era doce com todos, inclusive com os gêmeos. Não via defeitos em Pedro, muito menos em Paulo. No Capítulo 51, intitulado *Aqui presente*, Pedro, intrigado com a situação questionou a sua amada o porquê de ela defender seu irmão republicano:

— Paulo precisa ser emendado; mas, diga-me, por que é que a senhora defende sempre meu irmão? / — Para ter o direito de defender também ao senhor. / — Então ele já lhe tem falado mal de mim? / Flora quis dizer que sim, depois que não, afinal calou. Desconversou, perguntando por que eles se davam mal. Pedro negou que se dessem mal. Ao contrário, viviam bem. Não teriam as mesmas opiniões, e também podia ser que tivessem o mesmo gosto [...]. (ASSIS, 2005, p. 100)

Com base na citação, Flora tinha a mania de defender um diante do outro sem compreender. Segundo as palavras de Gledson, notar que ela era um dos motivos desta rivalidade, pois os gêmeos tinham o mesmo sentimento por ela, e travavam uma disputa pelo coração da moça, essa disputa pode ser associada ao fato de querer convencê-la de qual seria melhor para ela, pois cada um pensava e agia de uma forma diferente, mas em busca do mesmo ideal, o poder. Como Flora representa o povo, esse poder estava relacionado à conquista de Flora. E como Gledson aborda a respeito da inocência da personagem, também pode ser estendida à população, que estava encantada pelos dois regimes, não sabendo escolher qual seria o melhor lado, pois tanto um como o outro trazia benefícios e malefícios e isso os deixava em dúvida.

Observando essa citação, percebe-se que Flora gostava de se sentir amada pelos irmãos, cada um tinha uma maneira especial que lhe agradava e isso a completava de algum modo, desejando até que fosse feita uma fusão dos dois. Esse

cortejo duplo a Flora era algo mal visto pela sociedade, porque a mulher só poderia ser de apenas um homem durante toda a sua vida, e ela não conseguia se decidir por nenhum dos dois, o que causava grande confusão em sua mente, e não se decidia por um casamento nem com Pedro, nem com Paulo.

Diante disso surge uma solução para a moça, alguém que a desejasse como esposa e curar suas incertezas, o personagem Nóbrega, um jovem rico que tinha interesse em casar com Flora. O trecho em destaque mostra como era a fisionomia desse homem que também se apaixonou por ela:

D. Rita percebeu a inclinação de Nóbrega e achou que era a melhor solução da vida para a hóspede. Todas as incertezas, angústias e melancolias vinham acabar nos braços de um ricoço, estimando, dentro de um palacete com uma carruagem às ordens... Ela mesma punha em relevo este prêmio grande da loteria de Espanha. Enfim, o secretário de Nóbrega redigiu com a melhor linguagem que possuía uma carta em que o capitalista pedia a D. Rita o favor de consultar a moça amada. (ASSIS, 2005, p. 182)

Dona Rita, irmã do Conselheiro Aires, hospedou Flora em sua casa e a apresentou ao personagem Nóbrega, pois achava que “as incertezas, angústias e melancolias vinham acabar nos braços de um ricoço”. Para D. Rita, ele seria o esposo ideal, pois tinha bons atributos financeiros para ser um magnífico esposo provedor, além de ter sentimentos por Flora. Vale lembrar aqui como eram os casamentos da época. Segundo D’Incao (2012, p. 229), o “casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status* [...]”, podemos perceber assim, que para a dona da casa, o que a moça precisava era de um bom casamento para manter seus *status* na sociedade e não ficar desamparada, visto que, como mulher, não poderia assumir os negócios do pai futuramente.

Por não poder assumir os negócios de seu pai, Flora tinha a necessidade de casar, pois sendo mulher, precisava de alguém que fosse seu provedor. Como a moça não conseguia fazer sua escolha diante dos dois irmãos, surgiu uma terceira opção para a jovem, o personagem Nóbrega, e este, decide enviar uma carta para Flora por intermédio da irmã do Conselheiro Aires. Como forma de tentar obter algum interesse por parte dela, expondo na carta bons sentimentos de cortejo, porém Flora continuava muito apaixonada pelos gêmeos Pedro e Paulo, e não conseguia se desprender desse sentimento, seu coração não abria espaço para essa terceira opção, assim como o povo que estava em dúvida diante dos dois regimes, sem conseguir abrir lugar para

uma nova política que fosse diferente daquela que lhes era apresentada. Mas Dona Rita acreditava que Flora deveria casar com um homem e assim ter uma chance na vida e aconselhou que a moça aceitasse o cortejo por parte de Nóbrega, vê-se:

Deu conselhos à moça pôs em relevo a posição do pretendente, o presente e o futuro, a situação esplêndida que lhe dava este casamento, e por fim as qualidades morais de Nóbrega. A moça escutou calada, e acabou rindo outra vez. / — A senhora sabe se serei feliz? Perguntou. / — Creio que sim; agora, o futuro é que confirmará ou não. / Esperemos que o futuro chegue, conquanto me pareça muito demorado. Não nego as qualidades daquele homem, parece bom, e trata-me bem, mas eu não quero casar, D. Rita. / — Realmente, a idade..., mas nem, ao menos, quer pensar alguns dias? / — Está pensado. (ASSIS, 2005, p. 183)

Diante do diálogo entre D. Rita e Flora, percebe-se que a moça está convicta da sua opinião, em não querer casar com Nóbrega, apesar de D. Rita tentar convencê-la a mudar de ideia, mas ela não hesita. Mesmo com o fato de ele poder lhe dar uma vida de princesa, seu coração está interessado apenas nos dois irmãos. É muito complexo e difícil de tentar definir Flora, mas Hardman (2012) tem uma opinião a respeito da personagem, ela é diferente das outras mulheres machadianas. Para Hardman

Tem-se a impressão de que Flora pode e vai fenecer a qualquer momento. Ao contrário de personagens acabadas, completas, Flora parece ser construída ao longo de toda a narrativa, ela é descoberta pelo leitor a cada parágrafo. (HARDMAN, 2012, p. 38)

Realmente notamos que Flora é uma personagem que vai sendo construída durante a narrativa. Não conseguimos identificar logo no início da leitura o papel de Flora dentro da obra *Esaú e Jacó* (2005). A princípio é uma simples moça burguesa, com qualidades e encantamentos comuns para a época, mas Flora vai além de tudo isso, ela é uma personagem de difícil entendimento para definir em apenas uma leitura superficial, diferindo-se assim, de algumas outras personagens de Machado de Assis.

CAPÍTULO II – AS INCERTEZAS DO POVO BRASILEIRO SOB A ÓTICA DA PERSONAGEM FLORA

2.1 A tabuleta não tão nova do governo: o medo da transitoriedade

Como vimos, *Esaú e Jacó* (2005) retrata em seu enredo a transitoriedade do regime monárquico para o republicano no Brasil, criando em sua narrativa personagens com pensamentos opostos, como foi o caso dos protagonistas Pedro e Paulo, que eram gêmeos, mas divergiam em suas ideias, e também a personagem

Flora que teve um papel fundamental no romance machadiano. Para Candido (2007, p. 53) “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem do enredo”, ou seja, a personalidade de cada personagem está interligada ao enredo da narrativa, atribuindo assim um significado real à narrativa.

A obra não segue uma ordem cronológica, isto é, não tem uma linearidade de acontecimentos. A narrativa inicia em torno dos gêmeos, com Natividade, a mãe deles, que foi em busca de uma cabocla para saber como seria o futuro dos filhos, e depois volta ao momento que Natividade estava grávida. Diante desse fato, cabe ao leitor que esteja atento aos acontecimentos durante a narrativa, como comenta Gledson (2003, p. 190) quando diz que a obra “Esaú e Jacó é, às vezes, um romance muito difícil, com trechos e capítulos que parecem calculados para confundir o leitor mais determinado”. Por isso faz-se necessária uma leitura cuidadosa desse romance.

Já no início do enredo, o autor nos leva a conhecer os protagonistas Pedro e Paulo, que são personagens constantes no decorrer da obra, pois existe entre eles divergências de opiniões que são fulcrais para o desenrolar da narrativa. Ao falarmos dos gêmeos devemos conhecer os responsáveis pela criação dos jovens. Em primeiro, temos a mãe deles, Natividade, mulher forte, religiosa, e sempre tentava manter a harmonia entre os filhos. Em seguida, o pai, Santos, homem que ficou muito feliz pela gravidez de sua esposa, banqueiro e diferente de Natividade, é espírita, e algo que pode ser observado é o fato dele ser ambicioso e querer sempre algo mais, como por exemplo, o Palácio do Nova Friburgo. Diante disso, podemos notar que os gêmeos foram criados em uma boa família com conforto e bem estar.

Ao falar dos gêmeos podemos identificar que o autor os descreve como iguais, na qual poucas pessoas conseguiriam distingui-los fisicamente, mas tinham personalidades diferentes, o que os diferencia em muito. Traçando a personalidade deles, o narrador aponta que “[...] Paulo era mais agressivo, Pedro mais dissimulado” (ASSIS, 2005, p. 45), eles que tinha sonhos contrários buscando um aspirações monarquistas e o outro republicanos.

Mas antes de adentrar na personagem Flora, iremos analisar a cena do senhor Custódio, que representa o medo da sociedade sobre a mudança de regime e do conselheiro Aires que está presente nos principais acontecimentos da época e para complementar essa informação, podemos observar várias características dele como por exemplo: um homem refinado e também descrente, desconfiava dos comportamentos das pessoas que estavam à sua volta.

No Capítulo 61, *Lendo Xenofonte*³, Aires começou a refletir sobre os acontecimentos acerca da mudança política no Brasil e para ele a transição política era apenas uma “simples mudança de pessoal”, que essa mudança não afetaria a sociedade, porque para ele o poder de governo só iria mudar superficialmente de dono, pois as pessoas continuariam temerosas diante do poder. Então, para ele seria apenas uma mudança de gabinete para o Brasil, e com o tempo tudo voltaria ao mesmo modo de governar. Diante dessa questão, Gledson comenta a respeito do ponto de vista de Machado de Assis comparado ao do Conselheiro Aires:

Pode parecer razoável concluir daí que os próprios pontos de vista de Machado, na medida em que podem ser identificados como os de Aires, estão na melhor tradição do conservadorismo pessimista - as pessoas não apenas precisam de uma mão firme mas, na verdade, a acolhem bem, pois competem para atender aos desejos do ditador. (GLEDSON, 2003, p. 202)

Na percepção de Gledson, o ponto de vista do autor Machado de Assis e Aires estão interligados, pois o conselheiro fala do conservadorismo pessimista trabalhado do ponto de vista de Machado de Assis, isto é, a população estava avessa a mudanças, muitos observavam a transição de forma negativa, a população da época estava tão acostumada a seguir as ordens de um Imperador, que tinham medo de um novo modo de governo, pois, para o povo, essa mudança poderia acabar prejudicando a sociedade brasileira. E também podemos acrescentar que existia um pessimismo em relação a essa mudança política, pois, na prática os dois regimes eram iguais e seriam ruins para o povo, não havendo assim, uma segurança social para a população, que tinha medo de se posicionar.

Então, diante dos fatos apontados, pode-se averiguar que os dois sistemas políticos tinham suas complicações, por isso a indecisão da população em não saber dizer qual era o melhor governo. O povo estava incerto a respeito do futuro do país e como exemplo emblemático temos o Capítulo 62 “*Pare no D.*”, em que conhecemos o senhor Custódio, dono da confeitaria, que estava situada na Rua no Catete. Ele mandou pintar uma tabuleta para a fachada do seu estabelecimento, porém, está lhe rendeu muitas complicações e dúvidas depois da Proclamação da República, como se pode observar no seguinte fragmento:

³ Foi um historiador, filósofo e general ateniense (séc. IV a. C) e também foi um dos discípulos de Sócrates.

E por que pintou, depois de tão graves acontecimentos? — O senhor tinha pressa, e eu acordei às cinco e meia para servi-lo. Quando me deram as notícias, a tabuleta estava pronta. Não me disse que queria pendurá-la domingo? Tive de pôr muito secante na tinta, e além da tinta, gastei tempo e trabalho. Custódio quis repudiar a obra, mas o pintor ameaçou de pôr o número da confeitaria e o nome do dono na tabuleta, e expô-la assim, para que os revolucionários lhe fossem quebrar as vidraças do Catete. Não teve remédio senão capitular. Que esperasse: ia pensar na substituição; em todo caso, pedia algum abate no preço. Alcançou a promessa do abate e voltou a casa. Em caminho, pensou no que perdia mudando de título, — Uma casa tão conhecida, desde anos e anos! Diabos levassem a revolução! Que nome lhe poria agora? Nisso lembrou-lhe o vizinho Aires e correu a ouvi-lo. (ASSIS, 2005, p. 120-121)

O senhor Custódio, dono da confeitaria, estava descontente com o acontecido, pois mandou pintar uma tabuleta com o nome: *Confeitaria do Império*, para ser inaugurada no domingo, porém na madrugada do sábado, em especial no dia 15 de novembro aconteceu a revolução republicana e já era tarde porque o pintor já havia feito o serviço. Então, como a confeitaria do senhor Custódio era conhecida, ele teria que mudar o nome da tabuleta, senão teria sério problema com os revolucionários devido ao nome, por isso precisaria mudar o título antes mesmo que os republicanos a vissem porque poderia acontecer algum estrago no seu estabelecimento ou até mesmo com ele, pois qualquer que fosse contra seria considerado inimigo.

Diante dessa situação, Custódio resolveu ir à procura do Conselheiro Aires para ajudá-lo a escolher um nome que não desagradasse a ninguém, porque ele tinha medo de perder seus clientes e também tinha receio de despertar a fúria dos revolucionários. Para melhor entender a respeito do nome a ser colocado na tabuleta, cabe aqui retomar um trecho do Capítulo 63 intitulado *Tabuleta nova*, que contém o diálogo entre Aires e Custódio:

Referi-lo o que lá fica atrás, Custódio confessou tudo o que perdia no título e na despesa, o mal que lhe trazia a conservação do nome da casa, a impossibilidade de achar outro, um abismo, em suma. Não sabia que buscasse; faltava-lhe invenção e paz de espírito. Se pudesse, liquidava a confeitaria. E afinal que tinha ele com política? Era um simples fabricante e vendedor de doces, estimado, afreguesado, respeitado, e principalmente respeitador da ordem pública... — Mas o que é que há? perguntou Aires. — A república está proclamada. — Já há governo? — Penso que já; mas diga-me V. Ex^a: ouviu alguém acusar-me jamais de atacar o governo? Ninguém. Entretanto... Uma fatalidade! Venha em meu socorro. (ASSIS, 2005, p. 121)

Diante do acontecido, o senhor Custódio resolveu buscar ajuda do Conselheiro Aires, pois o momento era de desespero, o dono do estabelecimento era apenas um confeitiro simples, respeitador, e estava com medo de atacar ao novo governo por causa da tabuleta. Percebe-se, a partir desse trecho, que o dono da confeitaria estava diretamente envolvido na política, pois ao mandar fazer a primeira tabuleta, ele mostrava estar do lado da Monarquia. Aparentemente não dá para perceber sua real intenção, mas Machado de Assis, de maneira irônica, constrói a cena para talvez nos dizer que a política está em tudo, não necessariamente precisa estar explícita, como na tabuleta nova da confeitaria, ela está também no medo do senhor Custódio em desagradar politicamente os que estavam no poder.

Dessa maneira, Santos (2015, p. 91) explica que “com a alteração do sistema governamental, Custódio viu-se atormentado, pois temia que o grupo que estava no poder poderia implicar com ele por conta do nome do seu estabelecimento”. Podemos perceber que o medo sentido por Custódio era um exemplo do pavor sentido pelas pessoas em enfrentar o governo, principalmente por parte das mais pobres, pois temiam por suas vidas. Para amenizar a situação e deixar a confeitaria como sendo um lugar neutro, o Conselheiro Aires sugere a Custódio um nome que poderia ser colocado na confeitaria:

Ajude-me a sair deste embaraço. A tabuleta está pronta, o nome todo pintado. — “*Confeitaria do Império*”, a tinta é viva e bonita. O pintor teima em que lhe pague o trabalho, para então fazer outro. Eu, se a obra não estivesse acabada, mudava de título, por mais que me custasse, mas hei de perder o dinheiro que gastei? V. Ex^a crê que, se ficar “Império”, venham quebrar-me as vidraças? — Isso não sei. [...] — Mas pode pôr “*Confeitaria da República*” ... — Lembrou-me isso, em caminho, mas também me lembro que, se da que a um ou dois meses, houver nova reviravolta, fico no ponto em que estou hoje, e perco outra vez [...] Continuou a implorar o socorro do vizinho. S. Ex^a, com a grande inteligência que Deus lhe dera, podia salvá-lo. Aires propôs-lhe um meio-termo, um título que iria com ambas as hipóteses, — “*Confeitaria do Governo*”. — Tanto serve para um regime como para outro. (ASSIS, 2005, p.119-122)

Como se pode notar no trecho, a todo o momento o dono da confeitaria estava aflito por causa da tabuleta e do dinheiro empenhado nela. Custódio estava representando o povo, mandou fazer a tabuleta com intenção de agradar o regime político da época, mas como o regime mudou da noite para o dia, ele ficou inseguro, assim como o restante da população, teve medo de desagradar e sofrer consequências e também teve receio de mudar para *Confeitaria da República* e esse

regime cair logo mais à frente, portanto vemos a questão da descrença no governo atual e indecisão representada por Custódio.

A sociedade brasileira se viu oprimida e tinha medo de tomar suas próprias decisões em relação a isso, como exemplo tem-se o dono da confeitaria, que tinha medo de estar entre as revoluções da Monarquia e República. Diante disso, podemos perceber que o autor Machado de Assis talvez tenha usado o dono da confeitaria com receio e dúvida sobre a tabuleta de forma crítica para mostra a preocupação do povo com a sua reputação e o medo do senhor Custódio em perder a sua clientela, mostrando assim a real situação da sociedade burguesa do século XIX. No próximo tópico, abordaremos como o povo brasileiro é representado a partir da personagem Flora, pois como em quase todas as obras machadianas, ele atribui significação importantes às personagens femininas.

2.2 Flora e o povo brasileiro

As obras machadianas são marcadas pela figura da mulher, logo, notamos a presença da figura de Flora dentro da narrativa. Sabendo que é um dos requisitos presentes em suas narrativas, Hardman complementa que o autor Machado de Assis (2012, p. 12) criou mulheres “[...] complexas e fortes, sempre se destacam em seus romances, tanto os da chamada fase romântica, quanto da realista”.

Dessa forma, compreendemos a importância atribuída à mulher na construção da personagem Flora, que foi descrita por Aires como “inexplicável”. Para entender sua complexidade faz-se necessário uma leitura atenta, pois o papel dela vai muito além de ser uma mulher que ama dois homens, ela representa a complexidade dos sentimentos da população brasileira do século XIX. Antes de conhecer a complexidade da personagem Flora e sua indecibilidade amorosa, devemos primeiramente observar sua formação familiar. Ela era filha única do casal Dona Cláudia e Batista, como podemos concluir na seguinte citação:

D. Cláudia era uma criatura feliz. A viveza das palavras e das maneiras, os olhos que pareciam não ver nada à força de não pararem nunca, e o sorriso benévolo, e admiração constante, tudo nela era ajustado a curar a melancolias alheias [...]. Batista não tinha as mesmas expansões. Era alto, e o ar sossegado dava um bom aspecto

de governo. Só faltava ação, mas a mulher podia inspirar-lhe; nunca deixou de consultá-la nas crises da presidência. (ASSIS, 2005, p. 64)

A primeiro momento, notamos que Dona Cláudia era uma mulher forte e determinada, ela tinha um papel importante na tomada de decisões em casa, algo pouco usual para a época, percebemos que ela tinha o interesse de colocar o marido de volta na política e Batista não demonstrava tanta força como a mulher, era um homem tranquilo e fácil de ser dominado, antes de qualquer decisão, ele consultava a esposa. Para entender melhor a família de Flora, Gledson fala do perfil deles:

É melhor começarmos nossa análise em torno destes a partir dos menos afetados pelo dualismo já mais de uma vez mencionado, entre realismo e significado alegórico. Nosso primeiro encontro, então, será com dois dos mais vívidos e divertidos personagens da ficção de Machado: Batista e Dona Cláudia. Pode parecer injusto dizer que o romance ganha vida quando eles entram em casa, mas isso é, suspeito eu, o que muitos leitores sentem. Para Batista, a política é como uma comichão, que ele não pode deixar de coçar de vez em quando; para Dona Cláudia, o cônjuge mais poderoso, as sensações são igualmente físicas. Ela goza o abuso verbal ritual a que o marido é submetido pelos adversários políticos (em seu íntimo, ela sabe que ele é um homem inofensivo, até fraco) com uma espécie de masoquismo, como se realmente a flagelassem. (GLEDSON, 2003, p. 219-220)

Conforme o autor, percebemos que a família de Flora era um pouco diferente das demais, pois no século XIX a tomada de decisões no casamento era função do marido, pois ele era o provedor e tinha poder sobre a família, porém, neste caso observamos que Dona Cláudia era o lado forte do casamento. O autor compara a situação do casal ao masoquismo, como se Batista gostasse de estar nessa posição de submissão, tentando de várias maneiras voltar para a carreira política por causa do desejo de D. Cláudia. Como afirma Santos:

Ao transferir o baile para a ficção, Machado de Assis apontou vários aspectos da questão político-partidária daquela época em que os partidos, Liberal e Conservador, se alternavam na chefia do gabinete ministerial. No meio dessa gangorra política estava o advogado conservador Batista, que perdera o posto de presidente provincial sob a acusação de nepotismo, mas que acalentava o desejo de voltar ao posto. Porém, como os liberais foram alçados ao governo imperial, seria obrigado a dançar de acordo com a música política, conforme lhe sugere sua mulher, Cláudia. (SANTOS, 2015, p.67)

Ainda falando dos pais de Flora, Santos fala a respeito do caráter deles e afirma que o conservador Batista foi acusado de nepotismo e afastado de seu cargo político,

mesmo assim, desejava voltar ao cargo incentivado pela esposa. Sabendo que os pais de Flora eram oportunistas e que buscavam progresso pessoal na política.

Diante disso, percebemos que Batista não tinha um lado no qual ele realmente apoiasse, deixou seu posicionamento conservador de lado e se aliou ao movimento republicano, porém não obteve sucesso na carreira de político em nenhum dos lados. Ao descrever Flora, percebemos que ela “[...] era tudo o contrário deles. Nem a paixão de D. Cláudia, nem o aspecto governamental de Batista distinguia a alma ou a figura da jovem Flora” (ASSIS, 2005, p. 65). De acordo com o bruxo do Cosme Velho, pode-se observar que era uma jovem tida como inexplicável, como o próprio Aires a descreveu, pois ninguém conseguia defini-la. De acordo com Candido, podemos denominá-la de uma personagem esférica:

As “personagens esféricas” não são claramente definidas por Forster, mas concluímos que as suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto organizadas com maior complexibilidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. (CANDIDO, 2007, p. 63)

Sabemos que Machado de Assis era um homem a frente do seu tempo, criou uma personagem atemporal, pois tanto demonstra a situação política do século XIX como a dos dias atuais, em que o povo busca por melhorias na política, tentando escolher o governo mais democrático, mas sempre com medo de suas escolhas, assim como a personagem Flora.

As ações de Flora são descritas pelo personagem Aires. No capítulo 31, *Flora*, o Conselheiro fez uma análise sobre o perfil da personagem, mas as definições feitas por ele não a agradou. Flora buscou pelo Conselheiro para tentar entender sua personalidade. Aires apenas deu a seguinte resposta:

— Inexplicável é o nome que podemos dar aos artistas que pintam sem acabar de pintar. Botam tinta, mais tinta, outra tinta, muita tinta, pouca tinta, nova tinta, e nunca lhes parece que a árvore é árvore, nem choupana choupana. Se se trata então de gente, adeus. Por mais que os olhos da figura falem, sempre esses pintores cuidam que eles não dizem nada. E retocam com tanta paciência, que alguns morrem entre dois olhos, outros matam de desespero. Flora achou a explicação obscura; e tu, amiga minha leitora, se acaso és mais velha e mais fina que ela, pode ser que a não aches mais clara. (ASSIS, 2005, p. 70)

Diante da resposta de Aires, Flora não conseguiu compreender a resposta dada por ele, pois era muito obscura, pois ela tinha uma forte inocência e não conseguia compreender que a obscuridade estavam presente na forma que os pintores faziam,

pondo a importância no olhar dos seus quadros. Diante disso, podemos averiguar que Machado de Assis costumava explorar os olhos das suas personagens, exprimindo suas características e complexidade. Então, era isso que Flora transmitia a Aires quando ele se remetia a ela como um ser inexplicável. E para não instigar a novas perguntas o Conselheiro começou a indagá-la a respeito dos seus estudos, pois ela tinha facilidade com música, inglês e francês. Mas antes de prosseguir com a conversa chegaram os gêmeos Pedro e Paulo, conseguindo assim, atrair a atenção da doce jovem:

Já então os dois gêmeos cursavam, um a faculdade de Direito, em S. Paulo; outro a Escola de Medicina, no Rio. Não tardaria muito que saíssem formados e prontos, um para defender o direito e o torto da gente, outro para ajudá-la a viver e a morrer. Todos os contrastes estão no homem. Não era tanta a política que os fizesse esquecer Flora, nem tanto Flora que os fizesse esquecer a política. Também não eram tais as duas que prejudicassem estudos e recreios. Estavam na idade em que tudo se combina sem quebra de essência de cada coisa. Lá viessem a amar a pequena com igual força é o que se podia admitir desde já, sem ser preciso que ela os atraísse de vontade. Ao contrário, Flora ria com ambos, sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum; pode ser até que nem percebesse nada. Paulo vivia mais tempo ausente. Quando tornava pelas férias, com que a achava mais cheia de graça. Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para se não deixar vencer do irmão, que vinha príndigo delas. E Flora recebia-as todas com o mesmo rosto. (ASSIS, 2005, p. 70-71)

Como já sabemos, os gêmeos eram envolvidos com os estudos e com a política, porém mesmo com suas ocupações, eles não conseguiam esquecer a amada Flora. Mas mesmo assim, os gêmeos não deixavam de se divertir, pois Flora vivia em recluso com seus sentimentos, se deixando dominar por completo, posto isso, percebe-se que ela agia novamente como submissa, pois aceitava essa condição de dúvida e incerteza.

As outras personagens femininas machadianas comumente apresentam sua complexidade no início da narrativa, porém Flora é diferente das demais, ela não se apresenta com destaque, e sim através de seu “apagamento”, como afirma Hardman (2012, 38), pois “apesar de as atenções estarem voltadas para ela, a jovem se comunica por meio de seu apagamento, de sua fantasmagoria”. Como nos é mostrado por Hardman, Flora é apresentada na obra de forma complexa, sem tanto destaque, se comunica pelo seu apagamento, se tornando quase um fantasma dentro da obra, também notamos que ela mal tem voz dentro da narrativa, mas com o pouco que ela

fala e com as poucas conversas com Aires foi fundamental para a construção do seu sentido em *Esaú e Jacó* (2005).

Esse apagamento de Flora pode ser comparado ao próprio povo, pois sua atuação estava nos bastidores, nas conversas com Aires, nas conversas de conciliamento entre os irmãos, se igualando a presença da população que também trabalhava para a sustentação de tudo, sem ter seu real destaque, pois o trabalho silencioso do povo é quem sustenta a política e economia, inclusive da elite.

Mas Flora mesmo sendo mulher do século XIX, Flora demonstra atitudes também, um dos primeiros momentos na narrativa nos mostra a personagem expressando sua opinião em uma conversa com o seu pai a respeito de não sair do Rio de Janeiro, pois tinha medo de se separar dos gêmeos e também de Natividade. Ela nutria por eles uma grande paixão e também uma forte indecisão, já que não conseguia fazer uma escolha, queria sempre estar ao lado dos dois, pois os amava da mesma forma, e não conseguia separar esse sentimento escolhendo somente um, tanto Pedro quanto Paulo tinham características que a deixava feliz. Diante desse triângulo amoroso descrito na obra machadiana, precisamos entender que vai além de uma relação amorosa como a autora Hardman (2012) vem dizer:

Flora sente-se dividida por mar os gêmeos Pedro e Paulo, ser amada pelos dois e não saber qual escolher. Não se trata, porém, de uma história romântica de amor impossível. A questão que envolve os gêmeos ultrapassa a disputa amorosa e envolve todos os âmbitos da vida dos irmãos. Uma importante observação a ser feita sobre os gêmeos é o fato de que, apesar de serem opostos abovo, eles acabam por convergir sempre. Ainda que parecessem se opor às ideias um do outro, a disputa ocorria por, no fim, almejarem a mesma coisa. É o que acontece com a entrada de Flora na narrativa: os irmãos convergem para um ponto comum, o amor pela moça. Saliente-se, ainda, a oposição de ideologias políticas entre eles: Pedro era monarquista e Paulo era republicano. Flora passa de apenas uma jovem apaixonada para uma importante representação literária de um impasse político. (HARDMAN, 2012, p. 38)

De acordo com Hardman, não se trata apenas de um triângulo amoroso, mas essa questão ultrapassava os paradigmas românticos, pois Flora não é apenas um dos motivos da rivalidade entre os gêmeos, ela é a própria representatividade do impasse político na narrativa. Ou seja, a dúvida da população a respeito da mudança de regime de monárquico para o republicano. Também notamos que Pedro e Paulo “apesar de serem opostos *abovo*, eles acabam por convergir sempre [...] no fim,

almejem a mesma coisa”, buscam alcançar o amor de Flora e também visam o controle do país.

São poucos os momentos na narrativa que encontramos posicionamentos de Flora a respeito de política, a maior partes desses posicionamentos são descritas por Aires, sendo um dos personagens mais agraciados por todos. No final do Capítulo 47, *Terpsícore*, descreve o Baile da Ilha Fiscal e apresenta uma colocação de Flora a respeito da Princesa Isabel:

Toda ela compartia da felicidade dos outros. Via, ouvia, sorria, esquecia-se do resto para se meter consigo. Também invejava a princesa imperial, que viria a ser imperatriz um dia, com o absoluto poder de despedir ministros e damas, visitas e requerentes, e ficar só, no mais recôndito do paço, fartando-se de contemplação ou de música. Era assim que Flora definia o ofício de governar. Tais ideias passavam e tornavam. De uma vez alguém lhe disse, como para lhe dar força: “Toda alma livre é imperatriz”.[...] Ora, o conselheiro tinha visto no rosto da moça a expressão de alguma coisa e insistia por ela. Flora disse como pôde a inveja que lhe metia a vista da princesa, não para brilhar um dia, mas para fugir ao brilho e ao mando, sempre que quiser ficar súdita de si mesma. Foi então que ele lhe murmurou, como acima: — Toda alma livre é imperatriz. (ASSIS, 2005, p. 96)

No excerto acima, podemos interpretar que a personagem Flora invejava a princesa, pois ela futuramente seria imperatriz e teria a autoridade de despedir qualquer pessoa. Analisando assim, que a personagem tem uma ânsia por poder e conseguir tomar suas próprias decisões. Mas quando lemos o trecho “sempre que quiser ficar súdita de si mesma”, ela entendeu que a liberdade anda em caminho oposto ao poder, porque as pessoas da classe burguesa tentavam a todo momento mostrar uma perfeição que não existia, era feita de aparências. Nesse momento, de acordo com a teoria sobre personagem de Gancho (2002), Flora está se tornando uma personagem com tendência redonda, pois agora começou a ter pensamentos mais profundos e densos, tendo desejo de ser livre como descreve a frase emblemática “Toda alma livre é imperatriz”.

Quando associamos a essa falta de liberdade lembramos logo do senhor Custódio, o dono da confeitaria, que teve muitas dificuldades com a escolha da tabuleta. Era um momento de muita aflição para a sociedade brasileira, que estava cheia de dúvidas por não saber o destino do país. Em um dos capítulos, especificamente no Capítulo 52, *Um segredo*, o monarquista Pedro conta um segredo a personagem Flora:

[...] pôde revelar à moça um segredo: — Titia disse lá em casa que D. Cláudia lhe contara em segredo (não diga nada) que seu pai vai ser nomeado presidente de província. / — Não sei nada disso, mas não creio, porque papai é conservador. / — D. Cláudia disse a titia que ele é liberal, quase radical. Parece que a presidência é certa; ela pediu segredo, e titia, quando nos contou, também pediu segredo. Eu também lhe peço que não diga nada, mas é verdade. (ASSIS, 2005, p. 101-102)

O pai de Flora era envolvido com política e desde que a jovem nasceu que já convive no meio. Na citação acima, Pedro conta a Flora um segredo a respeito de seu Pai, Batista. Batista era um conservador e mudou de regime para assim conseguir alguma vaga na presidência, mas isso era segredo. Então, a jovem Flora vivia no centro dos movimentos políticos, conhecendo assim, as duas vertentes tanto o sistema monárquico quanto o republicano. Flora, em sua angústia e indecisão só podia contar com uma pessoa, o Conselheiro Aires, a quem lhe fazia confidências, como exemplifica uma parte do Capítulo 53 *De confidências*:

Flora falou-lhe da presidência, mas não lhe pediu segredo, como as outras pessoas; confessou-lhe que não queria ir daqui fosse para onde fosse, acabou dizendo que tudo estava nas mãos dele. Só ele podia despersuadir o pai de aceitar a presidência. Aires achou tão absurdo este pedido que esteve quase a rir, susteve-se bem. A palavra de Flora grave e triste. Aires respondeu, com bravura, que não podia nada. — Pode muito, todos atendem aos seus conselhos. — Mas eu não dou conselhos a ninguém acudiu Aires. (ASSIS, 2005, p. 104)

De acordo com trecho acima, podemos compreender que Flora estava aflita com a aceitação do pai para um cargo político no governo dos liberais, pois ele tinha mudado de lado político, ela estava insegura com o que estaria por vir, então ela acreditava que a única forma de entender isso era através dos conselhos de Aires, mas também observamos os sentimentos dela, além da indecisão amorosa, ela também estava triste, pois teria que ir junto com o pai. Flora temia se afastar dos gêmeos, mas devia obediência ao chefe da família, seu pai. Relacionando assim aos mandos do sistema patriarcal da época, pois a personagem por ser mulher não tinha autonomia, se assemelhando a população brasileira na época da transitoriedade política, como explica Candido em relação as personagens machadianas:

Em tais casos, as personagens obedecem a uma certa concepção de homem, a um intuito simbólico, a um impulso indefinível, ou quaisquer outros estímulos de base, que o autor corporifica, de maneira a supormos uma espécie de vida da observação, é mais interior do que

exterior, seria o caso das personagens de Machado de Assis. (CANDIDO, 2007, p. 73)

Seguindo as palavras de Candido que explica que as personagens machadianas usam mais o seu interior do que seu exterior, ou seja, que é através dos sentimentos e da sua subjetividade que conseguimos tirar alguma conclusão delas durante a narrativa. Sendo assim, Flora, por meio das suas dúvidas e do seu medo, representou a nação brasileira que estava passando um momento complicando, pois não sabia qual o regime apoiar e se seria o melhor para o país. Portanto devemos compreender que Flora não tinha poder de controlar seu destino e nem expressar seus desejos, pois era submissa às vontades do pai e dos gêmeos se igualando à população do século XIX, que não tinha controle nem voz pelas suas escolhas, como era o caso da transição política, vivendo refém de uma disputa sem a liberdade para opinar sobre o destino. No Capítulo 59 *Noite de 14*, Aires escreveu um trecho sobre Flora no seu *Memorial*, dizendo:

Que o Diabo a entenda, se puder; eu, que sou menos que ele, não acerto de entender nunca. Ontem parecia querer a um, hoje quis o outro; pouco antes das despedidas, queria ambos. Encontrei outrora desses sentimentos alternos e simultâneos; eu mesmo fui uma coisa e outra coisa, e sempre me entendi a mim. Mas aquela menina e moça... A condição dos gêmeos explicará esta inclinação dupla; pode ser também que alguma qualidade falte a um e sobre a outro, e vice-versa, e ela, pelo gosto de ambas, não acaba de escolher de vez. É fantástico, sei; menos fantástico é se eles, destinados à inimizade, acharem nesta mesma criatura um campo estreito de ódio, mas isto os explicaria a eles, não a ela... Seja o que for, a nossa organização política é útil; a presidência de província, arredando Flora daqui, por algum tempo, tira esta moça da situação em que se acha a *asna de Buridan*⁴. Quando voltar, a água estará bebida e a cevada comida. Um decreto ajudará a natureza. (ASSIS, 2005, p. 116)

Flora demonstrava sentimentos iguais quando está com os irmãos, cada um tem uma afeição que lhe agrada. Por exemplo, com Paulo gostava de conversar e com Pedro falava sobre o piano. Por essa indecisão, o Conselheiro criou uma situação paradoxal para ilustrar o conceito de livre arbítrio a comparando com o “asno de Buridan” (a epígrafe desta monografia também), que foi um burro que não soube escolher entre beber água ou comer, sendo assim, veio a falecer sem conseguir se decidir, como aconteceu com Flora.

⁴ Faz referência ao reitor da Universidade de Paris, no ano de 1327, chamado de Jean Buridan.

Então, também podemos fazer essa comparação do “asno de Buridan” com a população brasileira que não conseguia tomar uma decisão a respeito de qual partido seguir. O povo estava em “cima do muro” com relação à transição de Monarquia para a República, pois não sabia se teriam benefícios com essa mudança. Com isso nos remetemos ao Capítulo 69 *Ao piano*, no qual descreve Flora tocando uma música que se remetia a situação do Brasil:

Também se pode achar na sonata de Flora uma espécie de acordo com hora presente. Não havia governo definitivo. A alma da moça ia com esse primeiro albor do dia, ou acender velas. Quando muito, ia haver um governo provisório. Flora não entendia de formas nem de nada. A sonata trazia a sensação da falta absoluta de governo, a anarquia da inocência primitiva naquele recanto do paraíso que o homem perdeu por desobediência, e um dia ganhará, quando a perfeição trazer a ordem eterna e única. (ASSIS, 2005, p. 132)

Conforme a citação, Flora está tocando uma sonata, um estilo de música clássica muito conhecida pelos pianistas. Quando fala que ela “não entendia de formas nem de nada”, podemos associar com a população, pois não compreendia o porquê dessa mudança no setor político, existindo assim, muitos questionamentos a respeito. No caso, não importava as leis criadas pelo grande poder político e sim o que vale na prática, no viver bem, que é expresso pela subjetividade da música livre tocada por Flora. Também notamos que na parte da sonata, retratou a “anarquia da inocência”, sendo uma antítese implantada por Machado de Assis para dizer que nada melhoraria, pois a personagem teria que mudar pela vontade do seu pai Batista e o povo da época se aperfeiçoar ao regime republicano. Mostrando que o livre-arbítrio pode ser uma ilusão, pois nem Flora, nem tão pouco a população brasileira tinham/tem realmente a liberdade de escolha.

Logo, compreendemos que Machado de Assis criou uma personagem, que através da sua paixão pelos gêmeos e pela música, conseguia assim transmitir as mesmas indecisões de uma população sem norte. Em um dos momentos no Capítulo 82 *Entre Aires e Flora*, mostra a opinião dela após a Proclamação da República:

Aquela citação de velho Aires faz-me lembrar um ponto em que ele e a moça Flora divergiam ainda mais que na idade. Já contei que ela, antes da comissão do pai defendia Pedro e Paulo, conforme estes diziam mal um do outro. Naturalmente fazia agora a mesma coisa, mas a mudança do regime trouxe ocasião de defender também monarquistas e republicanos, segundo ouvia as opiniões de Paulo ou de Pedro. (ASSIS, 2005, p. 158)

Como sabemos a personagem Flora sempre defendia os gêmeos, pois eles estavam acostumados a falarem mal um do outro em sua presença, e para diminuir as desavenças entre eles, ela começou a defender os dois governos, tanto a Monarquia, como a República. Mas Flora acabou percebendo que existia prós e contras em ambos os irmãos/regimes. Diante disso, a personagem é uma espécie de representação do lugar do povo, que tentava aliar as coisas boas de ambos os governos, porém isso era impossível, pois só seria viável tal junção se fosse criada uma nova forma de política. Isso pode resultar no trágico destino de Flora, e consequentemente do povo, presos a dois lados, quando na verdade deveria existir uma terceira opção que fosse mais justa, a do bem-estar para todos.

A partir disso podemos fazer uma relação com a população da época, que tinha receio em tomar algum posicionamento político, então para isso se mantiveram neutros, defenderam os partidos liberais e conservadores com medo do que podia acontecer. Quando nos remetemos a isso, lembramos novamente do senhor Custódio, que tentava de alguma forma pôr um novo nome na sua tabuleta para não ofender a nenhum governo, pois tinha medo de agradar a um e desagradar ao outro e assim perder seus clientes ou até mesmo seu ponto comercial.

A personagem Flora estava imersa nos principais movimentos políticos, ou seja, ela estava centralizada entre os dois governos, e isso estava a deixando confusa. Ela passava por um forte momento de indecisão e aflição e resolveu buscar refúgio na casa da irmã de Aires para descansar e tentar encontrar uma solução para seus problemas.

Então, trazendo essa narrativa para o contemporâneo percebemos que essa realidade não ficou apenas em um momento histórico passado, a narrativa mostra sua atualidade a todo instante, pois ainda continuamos na tentativa de buscar um governo mais democrático e justo, que venha de fato em favor do povo. Nesse sentido, Flora se via em momento de dúvidas dentro de si sobre a tentativa de escolher apenas um dos gêmeos, contudo vale ressaltar uma terceira opção, um personagem chamado Nóbrega, que se encantou pela jovem e buscava a oportunidade de ter algum envolvimento com Flora, como podemos observar na citação a seguir:

Agora mesmo, este amor era, ao acabo, um movimento de caridade. Em pouco tempo, aquele gosto de relance passou a ser grande paixão, tão grande que ele não a pôde conter, e resolveu confessá-la. Hesitou se o faria à própria moça ou à dona da casa. Não tinha ânimo

para uma nem outra. Uma carta supria tudo, mas a carta pedia língua, calor e respeito. Se, ao menos, o gesto de Flora lhe dissesse alguma coisa, ainda que pouca vá; a carta seria então uma resposta. Mas não lhe dizia nada o gesto da moça. (ASSIS, 2005, p. 182)

Diante disso, observamos que foi posta a Flora uma terceira opção de escolha como forma de tirar a dúvida, que existia dentro dela por causa dos irmãos, mas ela despreza todas as investidas de Nóbrega, se ela seguisse o que queria a alta classe da época ficaria com ela, o bom provedor. Mas Flora era diferente das outras moças, que buscava um bom casamento para se sentirem seguras no futuro, ela não se agradava pelo dinheiro ou pela boa reputação do jovem, ela tão pouco se interessava por essas questões financeiras, porém tem como meta e conflito existencial o amor pelos gêmeos, continuando assim no mesmo embate entre Paulo e Pedro.

Então, trazendo para o contexto político vivenciado naquela época, a população se amarrou aos sentimentos duvidosos e angustiantes entre Monarquia e República, não havendo espaço para uma nova alternativa no momento, pois Nóbrega não era a resolução dos problemas enfrentados por Flora, o da indecisão, pois a deixaria infeliz na mesma maneira. Trata-se de mais uma alegoria criada por Machado de Assis para mostrar que mesmo se Flora optasse por alguém de fora, uma terceira pessoa, ela continuaria infeliz da mesma maneira. Assim entendemos que a complexidade do amor e da política se entrelaçam. São dois conceitos idealizados pelas pessoas, mas na verdade é a realidade mostra o contrário, não existindo o “felizes para sempre”, pois isto vai se construindo e tem caminhos árduos a enfrentar. Portanto não temos uma resposta fechada para explicar este questionamento tão complexo: como instituir uma nova política? O jovem Nóbrega vinha a ser a terceira opção, mas até ela era pautada pelo dinheiro, status quo e reputação. O amor é outra coisa, a política também.

Em um dos momentos na obra existe um episódio bastante delicado situado no Capítulo 105 *A realidade*. Nele a personagem Flora estava com muita dúvida dentro de si em relação à sua escolha amorosa, e por ironia do destino foi acometida de uma doença e como estava na casa de Dona Rita, e para não preocupar seus pais, foi cuidada por ela, como podemos observar no trecho a seguir:

Flora adoeceu levemente; D. Rita, para não alarmar os pais, cuidou de a tratar com remédios caseiros; depois, mandou chamar um médico, o seu médico, e a cara que este fez não foi boa, antes má. D. Rita, que acostumava ler a gravidade das suas moléstias no rosto dele, e sempre as achava gravíssimas, cuidou de avisar aos

pais da moça. Os pais vieram logo, Natividade também desceu de Petrópolis, não de vez; em cima, tinham medo de algum movimento cá embaixo. Veio a visitar a moça e, a pedido desta ficou alguns dias. — Só a senhora me pode curar, disse Flora; não creio nos remédios que me dão. As suas palavras é que são boas, e os seus carinhos... Mamãe também, e D. Rita, mas não sei, há uma diferença, uma coisa. Veja; parece-me que até já rio. (ASSIS, 2005, p. 185)

De acordo com a citação, vemos uma situação complicada na vida de Flora, ela que com o peso da angústia e das dúvidas que a cercavam, adoeceu. Nada poderia curar Flora, nem mesmo os remédios passados pelo médico. O mais intrigante nessa cena é a proximidade entre Flora e Natividade, porém para Gledson (2003) existia muito mais que uma relação harmoniosa entre elas duas, pois para ele, a mãe dos gêmeos representaria o Segundo Reinado da Monarquia e Flora era uma representação dos primeiros anos da República no Brasil. Então, podemos constatar que existem dois tempos que se cruzam na obra, o passado e o presente representado por elas duas.

E por ambas serem mulheres, a representação dos nomes aponta para o nascimento político da primeira maneira política e totalizadora, representando a maternidade, Natividade. O segundo, para o amor e a política distinta a nascer, o que faz aflorar a dúvida, pois é quando o povo tem outra possibilidade e também pode se perder, Flora. Machado não defende nenhum dos dois modos de governo, mas mostra as várias faces dos dois. Faz duras críticas a ambos e de certa forma nos convida a repensar nossa história político-social.

Com o passar do tempo a enfermidade de Flora se agravou, e nenhum remédio a pode curar, acontecendo assim uma tragédia que deixou todos abalados, em meio a devaneios. Flora veio a falecer:

Um e o outro queriam assistir ao passamento de Flora, se tinha de vir. A mãe, que os ouviu, saiu à sala, e, sabendo o que era, respondem negativamente. Não podiam entrar; era melhor que fossem chamar o médico.

— Quem é? Perguntou Flora, ao vê-la tornar ao quarto.

— São os meus filhos que queriam entrar ambos.

— Ambos quais? Perguntou Flora.

Esta palavra fez crer que era o delírio que começava, se não é que acabava, porque, em verdade, Flora não proferiu mais nada. Natividade ia pelo delírio. Aires, quando lhe repetiram o diálogo, rejeitou o delírio. A morte não tardou. Veio mais depressa do que se receava agora. Todas e o pai acudiram a rodear o leito, onde os sinais da agonia se precipitavam. Flora acabou como uma dessas tardes rápidas, não tanto que não façam ir doendo as saudades do dia;

acabou tão serenamente que a expressão do rosto, quando lhe fecharam os olhos, era menos de defunta que de escultura. As janelas, escancaradas, deixavam entrar o sol e o céu. (ASSIS, 2005, p. 188)

A situação de Flora estava grave, em meio a devaneios, nos quais ela nem lembrava quem eram os gêmeos, a quem ela tanto amava. Percebemos inicialmente a preocupação de Pedro e Paulo com Flora, que estava morrendo aos poucos com sua angústia e indecisão amorosa. Mas existe o detalhe de que a morte representa o esquecimento, pois com um pequeno tempo os irmãos seguiram suas vidas como se nada tivesse acontecido. Retomamos então, a ideia de que a personagem se comunicou por meio de seu apagamento e da sua fantasmagoria, por isso tivemos que analisar as poucas palavras proferidas por Flora, já que apesar de poucas dizem muito, olhamos para os gestos dela também (música/desenho), pois são emblemáticos para a significação de *Esaú e Jacó* (2005).

Então, compreendemos que Flora é a representação da nação brasileira, que também sofria/sofre com a angústia, o medo e as incertezas acerca do futuro político do país. A população tinha receio em tomar alguma decisão, assim como a personagem, que veio a falecer como o *asno de Buridan* sem conseguir optar entre água/comida, Pedro/Paulo, Império/República.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras machadianas abordam diversos temas como: adultério, política, escravidão, amores proibidos, aspectos filosóficos e entre outros. Assumindo um papel de muita importância para a Literatura Brasileira. Então, para dar-se continuidade aos estudos machadianos, foi escolhido o romance *Esaú e Jacó* (2005), este de teor político, pois retratou um dos momentos mais tensos do Brasil no século XIX: a transição de Monarquia para a República. Sabendo disso e também da importância da mulher dentro das obras machadianas, resolvemos analisar a personagem Flora como representação da população brasileira do século XIX.

Dessa maneira, a obra *Esaú e Jacó* (2005) não segue uma ordem linear dos acontecimentos, e tem um narrador onisciente, que segundo as teorias de Gancho (2002), é conhecedor do enredo e dos sentimentos de cada personagem, mas existe nele uma complexidade devido algumas entradas do Conselheiro Aires na narrativa, confundido até os leitores mais atentos. Machado de Assis construiu personagens que contam o enredo da história com suas próprias ações, assim como os personagens abordados durante essa pesquisa que mostram a relação do povo com os governos

que estavam em momento de transição. Uma das personagens criadas nessa conjuntura foi Flora, que representava a mesma submissão e desorientação do povo brasileiro diante do momento de dúvida, nas quais podemos destacar seu conflito amoroso, fato que perpassa durante toda a narrativa, o que pode ser comparado com a atitude de indecisão da população. Nesse caso, a respeito da transitoriedade política, pois não conseguiam identificar qual era o melhor regime para a maioria.

Como base nos dados da análise da pesquisa, é possível constatar algumas características a respeito dessa representação da personagem Flora, como por exemplo, a própria definição dela feita pelo Conselheiro Aires. Flora era uma jovem “inexplicável”, e essa forma de ser é a reflexão sobre o próprio povo brasileiro da época. Assim como Flora, as pessoas estavam indecisas acerca da mudança do governo, pois não sabiam qual dos regimes seria melhor para eles e temiam que algo acontecesse caso optassem por um dos lados.

Então, podemos retomar a ideia de que a personagem Flora se comunicou por meio do seu apagamento, pois como já sabemos ela era uma moça muito discreta e costumava guardar seus sentimentos somente para si, o que lhe causou grande angústia e ela não conseguiu externar esse sentimento, chegando à morte. Quando citamos isso, nos remetemos à sociedade brasileira do século XIX que tinha medo de tomar decisões ou ficar do lado de algum partido político por receio de receber alguma represália ou perder o pouco que tinham. Dessa maneira, mantinham-se quietos como Flora, pois nem se decidiam pela Monarquia, muito menos pela República.

Outro fato que foi levado em consideração em nossas análises é o da opressão do povo estar diretamente ligada com a indecisão e lugar social de Flora, pois a personagem assim como o povo era jovem, frágil, pois estavam presos aos dois regimes, Monarquia e República (Pedro e Paulo).

Então, compreendemos que se fez necessária uma leitura atenta para conseguir decifrar a enigmática Flora na obra *Esaú e Jacó* (2005), mesmo sendo uma figura feminina e atuando apenas nos bastidores de um momento emblemático para o Brasil, também observamos uma moça que tinha as ações e sentimentos próximos da sociedade.

Por fim, concluímos a possibilidade de que a personagem Flora na obra de *Esaú e Jacó* (2005) foi criada para representar a situação complexa da nação brasileira durante o momento de transição política. Sendo assim, vale salientar a relevância dessa pesquisa em torno da personagem machadiana, pois sua

representação vai além do romance para o século XIX, tendo um valor histórico até os dias de hoje, deixando assim ainda mais relevante. Durante nossas pesquisas, notamos também que Flora é uma personagem pouco explorada em outros estudos acadêmicos, e diante disso, abrimos possivelmente novas possibilidades de estudos a respeito de uma personagem que se expressa através do seu silenciamento e mesmo assim nos diz muitas coisas. Então, esses acontecidos da narrativa se assemelham indiretamente com os problemas vivenciados pelo Brasil na atualidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Lúcia. **Nenhum Negro Foi Indenizado Pela Escravidão No Brasil. Esse Debate É Mais Urgente Do Que Nunca**. 2019. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11678>> (Acesso em 24/09/19)

ASSIS, Machado de. **Esaú e Jacó**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

BÍBLIA, A. T. Provérbios. In BÍBLIA. Português. Sagrada Bíblia Online: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de João Ferreira de Almeida Atualizada. 2018. Disponível em: <<https://www.bibliatodo.com/pt/a-biblia/Joao-ferreira-de-almeida-atualizada/genesis-25>> (Acesso em: 24/09/2019)

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura**. 51 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo Ática, 1985

CANDIDO, Antonio. **A Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Esquema de Machado de Assis*. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977, (p.15-32).

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção Nacional 1830-1889**, v.2. História do Brasil Nação: 1808-2010. Direção Lilia Mortiz Schwarcz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 296 p. 1

CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHEVALLIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores números). 21 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 Ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 223-240.

GANCHO, Vilares Cândida. *Como analisar narrativas*. Editora Ática, 2002.

GLEDSOON, John.. **Machado de Assis: ficção e história**. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HARDMAN, Joana do Prado Melo. **Flora e a indecidibilidade em *Esaú e Jacó***: panorama da figura feminina na obra machadiana. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

MARIMGONI, Gilberto. **O destino dos negros após a abolição**. 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23> (acesso em 25/09/2019).

OLIVEIRA, Cristiana Soares de; SOUZA, Rafaela dos Santos de; LIMA, Taís da Silva. **Flora: da ruptura dos padrões à incompletude da personagem**. Bahia: FLIPA, 2017

ROCHA, Renato de Oliveira. **O jogo entre história e ficção em *Esaú e Jacó***. São Paulo: Revista Entrelaces, 2014.

SANTOS, Gilberto de Assis Barbosa dos. **O sentido da República em *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis**. Araraquara/SP: UNESP, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOKASHIKI, Adriana do Couto. **Inexplicável, inquietante, inconsciente**: a subjetividade no romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis. Cuiabá-MT: Universidade Federal do Mato Grosso, 2014.